

Revista

Agriculturas

experiências em agroecologia



**Sistematização:
conhecimento que
vem das práticas**

Sistematização: a transformação de vivências em conhecimentos

Grande diversidade de práticas sociais inovadoras vem sendo implementada nos mais distintos contextos socioambientais do planeta com base nos princípios gerais do enfoque agroecológico. Independentemente do grau de sucesso que alcançam, cada uma dessas práticas encerra um conjunto potencial de ensinamentos, tanto para as pessoas e instituições que nelas estão diretamente envolvidas, como para as que participam em iniciativas similares. Assim, cada experiência particular pode funcionar como um farol que ilumina caminhos que ainda estão por ser trilhados.

Para que ensinamentos sejam extraídos das experiências, dando luz aos faróis, organizações promotoras da agroecologia têm se dedicado a descrever e analisar como suas iniciativas vêm se construindo e quais são seus resultados. As atividades de sistematização constituem oportunidades para que os agentes diretamente envolvidos na promoção das experiências compartilhem reflexões críticas sobre as trajetórias de trabalho conjunto. Assim procedendo, eles podem confrontar suas práticas concretas com os princípios gerais orientadores da experiência, alimentando-os mutuamente.

Sendo atividades que permitem esse trânsito de ida e volta entre a prática e a teoria agroecológica, as sistematizações têm sido realizadas como meio para o contínuo aprimoramento das experiências. Ao mesmo tempo, favorecem o empoderamento de seus promotores, já que criam ambientes estimulantes para o desenvolvimento de processos autônomos de construção do conhecimento agroecológico. Grupos e organizações que empreendem esforços regulares de sistematização de suas próprias experiências e projetos têm, com efeito, alcançado crescentes níveis de coesão política e organizativa. Ao realizarem a reflexão crítica sobre suas intervenções na realidade, previnem que suas rotinas operacionais se transformem em ativismo destituído de um horizonte estratégico.

Embora se refiram a casos vivenciados em condições específicas, as sistematizações ressaltam também aprendizados passíveis de aplicação em outros contextos. É nesse sentido que a prática da sistematização tem sido exercitada, visando ao fortalecimento de redes horizontais voltadas para o intercâmbio entre grupos e organizações do campo agroecológico. As sistematizações são empregadas também para orientar processos participativos de elaboração de propostas de políticas públicas destinadas a multiplicar as experiências bem-sucedidas.

Grande criatividade metodológica vem sendo observada ao redor do mundo na condução das sistematizações de iniciativas agroecológicas. Uma pequena mostra desse universo é o que apresenta este número da *Revista Agriculturas*. Ao focar esse tema, a revista volta a ressaltar o papel que os ensinamentos obtidos por meio da sistematização de práticas inovadoras têm exercido no avanço de processos de transição agroecológica. Por isso, ao convidá-los à leitura dos artigos aqui publicados, queremos também estimular que suas próprias experiências sejam sistematizadas e divulgadas (inclusive nas próximas edições da revista).

O editor

ISSN: 1807-491X

Revista **Agriculturas**
experiências em agroecologia

v. 3, nº 2

(corresponde ao v. 22, nº1 da Revista LEISA)

Revista Agriculturas: experiências em agroecologia é uma publicação da AS-PTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa –, em parceria com a Fundação Ileia – Centre of Information on Low External Input and Sustainable Agriculture.

AS-PTA

Rua da Candelária, nº 9, 6º andar.

Centro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil 20091-020

Telefone: 55(21) 2253-8317 Fax: 55(21) 2233-8363

E-mail: revista@aspta.org.br

www.aspta.org.br

Fundação ILEIA

P. O. Box 2067, 3800 CB Amersfoort, Holanda.

Telefone: +31 33 467 38 70 Fax: +31 33 463 24 10

www.ileia.org

Conselho Editorial

Cláudia Calório

Grupo de Trabalho em Agroecologia na Amazônia - GTNA

Eugênio Ferrari

Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, MG - CTA/ZM

Jean Marc von der Weid

AS-PTA

José Antônio Costabeber

Ass. Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural - Emater, RS

Marcelino Lima

Diaconia, PE

Maria Emília Pacheco

Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional-Fase/RJ

Maria José Guazzelli

Centro Ecológico, RS

Miguel Ângelo da Silveira

Embrapa Meio Ambiente

Paulo Petersen

AS-PTA

Sílvio Gomes de Almeida

AS-PTA

Equipe Executiva

Editor Paulo Petersen

Editora convidada para este número Adriana Galvão Freire

Produção Executiva Adriana Galvão Freire

Pesquisa Adriana Galvão Freire, Nádia Maria Miceli de Oliveira, Paulo Petersen

Base de dados de subscritores Nádia Maria Miceli de Oliveira

Copidesque e tradução Rosa L. Peralta

Revisão Gláucia Cruz

Foto da capa Feira de Saberes e Sabores do II ENA, Recife

Foto: Vrádia Lima

Projeto gráfico e diagramação I Graficci

Impressão Colorset

Tiragem: 2.500

A AS-PTA estimula que os leitores circulem livremente os artigos aqui publicados. Sempre que for necessária a reprodução total ou parcial de algum desses artigos, solicitamos que a Revista *Agriculturas: experiências em agroecologia* seja citada como fonte.





pág. 6



pág. 9



pág. 13



pág. 17



pág. 22



pág. 25



pág. 30

Editora convidada *Adriana Galvão Freire*

pág. 4

Artigos

Sistematização para a mudança

Editorial da Revista Leisa, março de 2006

pág. 6

A sistematização no fortalecimento de redes locais de inovação agroecológica

Adriana Galvão Freire, Luciano Silveira, Roberval da Silva e Paulo Petersen

pág. 9

Sistematizando experiências da “Universidade do Povo”

Shree Padre

pág. 13

Sistematização: um instrumento valioso para as Escolas de Campo de Agricultores

Eefje den Belder, Martín García e Don Jansen

pág. 17

Sistematização de experiências: saber construído e partilhado

Simone Ribeiro, Fernanda Testa Monteiro e Eugênio A. Ferrari

pág. 22

Sistematização de experiências apoiadas pelos Projetos Demonstrativos - PDA

Denise Valéria de Lima, Elza Falkenbach e Mara Vanessa Dutra

pág. 25

Concurso Nacional de Sistematização de Experiências em Agroecologia e Agriculturas Alternativas

Francisco Roberto Caporal

pág. 27

Agroecologia em rede: fonte de inspirações para a inovação local

Paulo Petersen

pág. 30

Publicações

pág. 32

Páginas na internet

pág. 34

Próximos números

pág. 35

Construindo conhecimentos a partir das práticas

Diferentemente da lógica que organiza os sistemas convencionais de extensão rural, baseados nos princípios da transferência de tecnologias, a agroecologia se constrói apoiada nas práticas e métodos tradicionais de manejo produtivo dos ecossistemas, desenvolvidos por gerações de agricultores e agricultoras familiares, e na valorização dos recursos naturais locais. Sua evolução se faz também à medida que o diálogo entre esses saberes populares e os acadêmicos é efetivamente promovido.

Assim, a construção do conhecimento agroecológico é resultante de processos locais de inovação orientados para aprimorar a convivência das famílias e comunidades rurais com seus meios socioambientais. Redes locais de experimentação se constituem organizando circuitos dinâmicos de troca e produção de novos conhecimentos. A geração do conhecimento agroecológico está, portanto, intimamente vinculada à capacidade de leitura e interpretação dos(as) agricultores(as) sobre os contextos em que vivem e produzem.

E é nesse sentido que a sistematização das experiências nas redes locais de inovação tem se apresentado como atividade essencial para que o conhecimento agroecológico avance pela via da integração de saberes. Sendo um processo necessariamente coletivo, a sistematização contribui para a recuperação e a ordenação da memória da experiência vivenciada conjuntamente; para distinguir seus erros; para identificar suas potencialidades; e extrair ensinamentos inspiradores de futuras ações.

Este número é dedicado ao tema da sistematização de experiências, procurando ressaltar a já considerável variedade de metodologias desenvolvidas e/ou adaptadas por organizações e grupos envolvidos na promoção de agriculturas mais sustentáveis.

Alguns artigos enfocam o processo de sistematização como meio para o fortalecimento de dinâmicas locais de inovação agroecológica. As experiências neles apresentadas evidenciam caminhos metodológicos adotados para que agricultores e agricultoras se assumam enquanto sujeitos da produção e da disseminação dos conhecimentos aplicados em suas próprias práticas produtivas e organizativas. Nesses casos, os grupos aprendem com suas experiências e agem sobre seus espaços para transformar suas realidades por meio do compartilhamento e análise coletiva de vivências locais.

A valorização desses saberes associados às técnicas e aos modos de vida das populações é também um aspecto bastante ressaltado nas modalidades de sistematização apresentadas nesses artigos. Para tanto, os instrumentos adotados para divulgar os conhecimentos sistematizados, sejam eles boletins informativos (pág. 9), artigos da revista da Universidade do Povo (pág. 13) ou os folhetos das Escolas de Campo de Agricultores (pág. 17), são centrados na história de vida das pessoas e comunidades diretamente envolvidas nas experiências.

Por se fundamentarem na reflexão e na análise crítica das próprias inovações técnicas ou intervenções no plano político-organizativo, as sistematizações provocam efeitos relevantes,

como a promoção da autonomia do conhecimento, a elevação da auto-estima e a credibilidade das informações sistematizadas junto à população envolvida.

Com efeito, ao darem visibilidade às capacidades criativas, sejam elas individuais ou coletivas, as sistematizações motivam indivíduos e grupos a se engajarem em dinâmicas permanentes de inovação orientadas para o desenvolvimento local.

As sistematizações também podem cumprir um papel importante no reforço dos mecanismos tradicionais de transmissão de saberes, o que é realçado no artigo da página 9. Portanto, quando sensíveis às culturas locais e valorizadas nos espaços de sociabilidade existentes, as sistematizações podem apoiar a criação e a consolidação de processos sociais de inovação que facilitam diálogos de saberes e dinamizam circuitos interativos de comunicação em redes horizontais. Associados às trocas presenciais, as informações ganham cada vez mais credibilidade por parte de quem as recebe.

Outro grupo de artigos refere-se ao emprego da sistematização como meio para a reflexão e o aprimoramento das práticas institucionais, assim como para o favorecimento de intercâmbio entre as entidades promotoras da agroecologia.

A experiência do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) na sistematização do Programa de Formação de Agricultores e Agricultoras em Sistemas Agroecológicos de Café Orgânico (pág. 22) ressalta a importância da incorporação das percepções dos diferentes atores sociais na descrição e análise dos programas de desenvolvimento em que estão envolvidos. Essa integração de pontos de vista torna possível a construção compartilhada de interpretações da experiência vivida conjuntamente, o que facilita a identificação de ensinamentos sobre as virtudes e as limitações das estratégias adotadas, bem como a análise da influência do contexto sobre o sucesso do programa.

Conduzida dessa forma, a sistematização cumpre uma dupla função: por um lado, é um exercício teórico e um esforço de revisão da prática institucional; por outro, permite a ampliação da capacidade de interação em rede da instituição, o que favorece os processos de aprendizado mútuo que ela estabelece com outras instituições.

Os processos de sistematização têm sido crescentemente estimulados como meios de fomentar interações em rede e intercâmbio entre instituições promotoras da agroecologia. O artigo da página 27 relata a iniciativa inédita de um concurso nacional de sistematização de experiências em agroecologia organizado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário. Identificar e socializar práticas agroecológicas em todo o país foram os principais objetivos desse concurso, que hoje caminha para a sua segunda edição.

Essa também foi a aposta do Projeto Demonstrativo (PDA) do Ministério do Meio Ambiente, que estimulou a geração de conhecimentos sobre proteção, uso e manejo dos recursos naturais a partir da sistematização de onze diferentes projetos que apóia com esse fim em diferentes estados (ver pág. 25). O sistema Agroecologia em Rede, um banco de dados virtual sobre experiências e pesquisas em agroecologia, é outra iniciativa orientada para dar visibilidade aos acúmulos técnicos, metodológicos e sócio-organizativos alcançados por projetos implementados nas diferentes regiões do Brasil (ver pág. 30).

Esperamos que os exemplos apresentados por meio desses artigos inspirem você e sua organização a qualificar suas próprias práticas de sistematização de experiências. Boa leitura!

Adriana Galvão Freire:
assessora técnica da AS-PTA
adriana@aspta.org.br

Sistematização para a mudança

Editorial da Revista Leisa¹, março de 2006

Os artigos publicados na *Revista Leisa* demonstram como projetos de desenvolvimento agrícola ou de manejo de recursos naturais podem ajudar a melhorar a produtividade das propriedades familiares e/ou a regenerar os recursos naturais. A adoção e a experimentação de inovações técnicas geram novas habilidades e conhecimentos e proporcionam melhoria de rendimentos e/ou aperfeiçoamento no manejo dos recursos localmente disponíveis. Aqueles que têm a oportunidade de viajar para as áreas rurais, em qualquer parte do mundo, freqüentemente encontram agricultores que estão melhorando sua produtividade e sua renda de uma maneira ecologicamente segura. Os resultados dessas iniciativas podem ser evidentes para quem visita diretamente as experiências, mas em geral permanecem desconhecidos para os que não têm essa oportunidade.



Foto: AGRECOL, Bolívia

Mulheres bolivianas trocando experiências: preparação de compostagem em Muruq'u Marka, ao norte de Potosí, Bolívia

A principal razão disto é que as experiências raramente são documentadas. Tampouco as pessoas e organizações envolvidas fazem muito esforço para comunicar para outros os aprendizados de suas próprias experiências. Dessa forma, uma pessoa interessada em aprender com as experiências de um determinado projeto precisa ir à área onde ele foi implementado. É fácil entender então por que acadêmicos e formuladores de políticas acreditam que os projetos e programas de desenvolvimento agroecológico têm poucos resultados, ou que só alguns agricultores têm algo interessante a dizer ou a mostrar. Essa aparente “falta de evidência” é um argumento freqüentemente usado contra a agroecologia.

Essas são algumas das razões pelas quais as instituições que promovem a agroecologia vêm se preocupando em desenvolver e implementar procedimentos de análise e documentação das suas atividades e seus resultados e impactos. Processos de sistematização de experiências vêm sendo desenvolvidos e aprimorados para cumprir com essas funções.

De especial relevância para a Agroecologia

O objetivo do processo de sistematização, mais do que simplesmente descrever uma experiência, é construir novos conhecimentos. A agroecologia, como um conceito, está constantemente evoluindo e mudando em resposta às transformações nos contextos natural, social

¹ A *Revista Leisa* publica artigos de experiências em agroecologia desenvolvidas em todo o mundo. Corresponde à edição global do projeto Leisa no qual a *Revista Agrícolas* está integrada. (n.ed.)

e político. Por isto, e para que ela continue evoluindo, é muito importante sistematizar seus novos desenvolvimentos. O propósito da sistematização não é só descrever: ela deve examinar de perto os resultados e os impactos alcançados em um determinado projeto e o porquê. Esse processo representa uma oportunidade de aprender e descobrir relações entre fatos, socializar opiniões e identificar aspectos que podem ser úteis e interessantes no aprendizado. Podem levar a adaptações das atividades, seja no planejamento de grandes projetos ou nos métodos de cultivo em uma determinada propriedade.

As dificuldades envolvidas

Há diversas razões pelas quais experiências interessantes, sejam elas bem ou mal sucedidas, muitas vezes não são sistematizadas. Talvez o problema mais comum seja a falta de tempo. Os profissionais que atuam a campo ocupam-se na implementação de seus projetos ou programas, muitas vezes realizando diversas atividades ao mesmo tempo, todas as quais com prazos para finalizar. Nesse contexto, pouco tempo sobra para sentar, olhar para trás e ver o que realmente foi feito e alcançado. E há ainda menos tempo para colocar isso no papel, com frases bem construídas e em uma linguagem fácil de ser entendida. Da mesma forma, os agricultores estão ocupados em suas atividades cotidianas, com pouco tempo para registrar suas tarefas diárias, os insumos empregados ou os rendimentos obtidos.

Para outros, o principal impedimento é a falta de conhecimentos especializados ou de habilidade para sistematizar. Muitos extensionistas, tanto das organizações governamentais quanto de ONGs, reclamam que não se sentem preparados para analisar uma certa prática em detalhe ou para escrever sobre ela, argumentando também que suas principais responsabilidades estão no campo e não em frente a um computador. Não é de se estranhar que demonstrem um certo “receio” quando lhes é pedido que sistematizem uma experiência, como se fosse esperado deles algo que só pode ser feito por especialistas ou por um consultor externo. O terceiro tipo de dificuldade que costuma ser mencionada refere-se à falta de apoio institucional para dispor de tempo e recursos para a sistematização.

Aqueles que estão familiarizados com as atividades desenvolvidas pelas organizações governamentais e não-governamentais podem encontrar contradições nesse ponto, pois elas dedicam grande quantidade de tempo e de recursos na formulação de documentos: equipes passam um tempo considerável elaborando projetos e preenchendo formulários de avaliação. Há muitos relatórios para escrever e apresentar, descrevendo tudo o que foi feito e tudo o que precisa ser feito no futuro próximo. No entanto, eles não são verdadeiramente o resultado de uma sistematização, pois não cumprem os dois objetivos básicos desse processo: ajudar os envolvidos na experiência a

aprender com ela e assim serem capazes de aperfeiçoar a própria experiência, e divulgar o que está sendo feito e seus resultados.

A maior parte dos relatórios e documentos preparados por organizações que trabalham no campo apresentam duas falhas: são unicamente descritivos e não são compartilhados. Ao nos concentrarmos unicamente na descrição dos projetos, perdemos a oportunidade de ver em detalhes as razões por trás de suas atividades e seus resultados. Quando damos mais importância à descrição do que à análise, geramos documentos cheios de informações, mas dos quais é difícil extrair lições. Por isto, eles não contribuem para gerar novos conhecimentos. Ao mesmo tempo, ao não compartilhar os resultados de nosso trabalho – às vezes nem entre colegas e membros da mesma organização –, limitamos as oportunidades para que outros aprendam com nossos êxitos e fracassos.

As vantagens de uma sistematização adequada

As experiências das entidades habituadas em sistematizar suas práticas demonstram que a sistematização não é um processo necessariamente difícil, nem é algo que só possa ser feito por especialistas externos. Pelo contrário, é uma prática que pode facilmente se tornar uma atividade regular. Há muito para aprender com nossas próprias decisões e atividades e com as consequências que trazem. Uma análise detalhada de nossas experiências, da qual extraímos lições claras, pode contribuir para definir melhor o que precisa ser feito para ir adiante e alcançar certos objetivos. Como parte de um processo mais amplo de monitoramento e avaliação, a sistematização pode ajudar a tomar decisões mais acertadas ou a (re)definir o curso de uma ação. Ao mesmo tempo, pode ter um importante papel ao apoiar os processos de aprendizagem sobre as metodologias empregadas pelas entidades, atuando como uma ferramenta poderosa para integrar e expandir o conhecimento agroecológico.

Um processo de sistematização é essencial para compartilhar resultados com os demais. Isso é importante quando estamos interessados em promover uma certa técnica ou procedimento, quando o objetivo é ampliar certas experiências de projetos ou quando queremos promover maior impacto. Qualquer documento específico, incluindo



do um dos produtos finais de um processo de sistematização, pode ser divulgado, copiado ou trocado com outras pessoas e, assim, alcançar um público além das barreiras geográficas dos projetos. Geralmente nos referimos a livros, folhetos, brochuras ou outros tipos de documentos escritos e impressos, mas o mesmo vale para outros meios: fotografias, um vídeo ou uma apresentação de slides. Os benefícios são ainda maiores quando consideramos todo o processo e não só o documento final. Como uma ferramenta de aprendizagem, a sistematização pode contribuir também para compartilhar informação e conhecimentos ao mostrar o que fazer em determinada situação e – tão importante quanto – evitar repetir erros similares. Em vez de reinventar a roda repetidamente, cada novo esforço deve se basear no que outros fizeram – algo que só pode ocorrer se conhecermos o que foi feito e por que foi ou não bem-sucedido.

Um processo de sistematização pode também ser fundamental para garantir que o conhecimento existente não se perca. Coletar, compilar e registrar informações é particularmente importante quando lidamos com saberes locais ou tradicionais, especialmente se estes não estiverem registrados.

Em suas propriedades, agricultores(as) podem refletir sobre suas atividades ao registrar os insumos empregados, tais como a quantidade de sementes utilizada, além do preço final da produção, e analisar tudo isso mais a fundo. Essa prática é particularmente importante para agricultores(as) que tentam aumentar a sustentabilidade de seus cultivos com os recursos disponíveis. Dessa forma, os planos de manejo podem ser adaptados para apoiar de maneira mais adequada o desenvolvimento da propriedade agrícola na direção desejada.

Diferentes possibilidades metodológicas

O processo de sistematização raramente segue uma receita. Ele deve ser adaptado para cada situação e organização específicas. Ele também pode servir para diversos fins. Cada processo particular deve considerar as diferentes perspectivas de todos os envolvidos ou afetados, e não só a dos responsáveis por descrevê-las (ou a do responsável por um projeto). Assim, a questão sobre quem está realmente sistematizando uma experiência, e para quem, deve ser cuidadosamente considerada.

Por definição, a sistematização é uma atividade participativa. Muitas pessoas diferentes participam de uma experiência; cada uma delas pode ter uma opinião ou ponto de vista distintos; cada uma contribui de uma forma dife-



Qualquer que seja a metodologia empregada, a importância da sistematização reside nas oportunidades que oferece para a aprendizagem. Estas são fruto tanto do produto final compartilhado quanto do próprio processo. Assim, tanto no plano individual quanto no plano organizacional, a sistematização traz inúmeros benefícios.

rente. A maneira como estas diversas perspectivas são levadas em conta vai depender da metodologia adotada.

O enfoque empregado para a sistematização depende do tempo e dos recursos disponíveis, bem como do número de pessoas ou instituições envolvidas. Depende também do produto final esperado e de quem pode se beneficiar dele. Em alguns casos, pode-se considerar também o uso de modernas tecnologias da informação. O uso da internet, por exemplo, pode ajudar a alcançar um público mais amplo a custos muito baixos. Um CD pode guardar muita informação em pequeno espaço e pode ser facilmente distribuído. A fotografia digital pode formar a base de um processo de sistematização em situações em que a leitura e a escrita não fazem parte da cultura local, mas onde há séculos os elementos visuais têm facilitado a comunicação, a reflexão e o debate. Deve ficar claro, no entanto, que o uso de equipamentos caros nunca é uma necessidade, e sim uma ferramenta que pode facilitar o processo.

De qualquer forma, seja a sistematização escrita ou não, tudo fica mais fácil quando se emprega uma determinada estrutura de ordenação das informações. O uso de uma estrutura específica pode tornar o trabalho mais minucioso, sem descuidar dos aspectos relevantes. Esse enfoque também é importante porque o processo de sistematização pode ser bastante longo e envolver muitas pessoas.

Qualquer que seja a metodologia empregada, a importância da sistematização reside nas oportunidades que oferece para a aprendizagem. Estas são fruto tanto do produto final compartilhado quanto do próprio processo. Assim, tanto no plano individual quanto no plano organizacional, a sistematização traz inúmeros benefícios.

Editorial da Revista Leisa

www.leisa.info / j.chavez-tafur@leisa.nl



Troca de experiências no arredor de uma casa no semi-árido da Paraíba

A sistematização no fortalecimento de redes locais de inovação agroecológica

Adriana Galvão Freire, Luciano Silveira, Roberval da Silva e Paulo Petersen*

A existência de estruturas em rede socialmente organizadas para transmitir conhecimentos de uma geração para outra ou entre pessoas e grupos de uma mesma geração é marca característica do mundo rural. Essas redes se expressam com maior vitalidade em comunidades nas quais o saber-fazer é fruto do patrimônio cultural local.

A influência dos valores associados aos pacotes tecnológicos da “modernização agrícola” promovidos pelos programas convencionais de “desenvolvimento rural” tem sido um dos principais fatores responsáveis pela fragilização dessas redes locais de conhecimento. Em substituição aos circuitos horizontais de produção e transmissão do saber, esses programas estabelecem com as famílias e comunidades rurais relações verticalizadas, fundamentadas na lógica da “transferência de tecnologias”. Essa concepção unidirecional e “de cima para baixo” de comunicação é geradora de crescentes níveis de dependência técnica e cultural.

Com o objetivo de reconhecer, revigorar e redinamizar as redes locais e os mecanismos horizontais de



Troca de experiências sobre produção e beneficiamento da mandioca

troca de conhecimento, a AS-PTA vem, em seus programas de desenvolvimento local, forjando seu método de ação na disseminação das práticas de experimentação agroecológica e no estímulo à interação dos(as) agricultores(as).

Diversos instrumentos vêm sendo desenvolvidos para facilitar, potencializar e qualificar a comunicação e o intercâmbio entre agricultores(as), favorecendo a criação de redes locais de inovação agroecológica. Vídeos, cartilhas, boletins informativos, painéis fotográficos, peças teatrais e outros meios são empregados para a socialização das informações. Todos operam como instrumentos portadores dos conhecimentos adquiridos localmente, na prática experimentada e vivenciada. E é assim que a sistematização passa a cumprir um papel fundamental na valorização e na reorganização do saber construído e acumulado, além de qualificar a troca e a geração de novos conhecimentos.

O boletim informativo

Um simples mas eficiente instrumento de sistematização que vem sendo amplamente utilizado junto às dinâmicas do agreste da Paraíba é o *Informativo da Agricultura Familiar*. Produzido com recursos simples de diagramação e reproduzido dentro do próprio escritório local, o boletim informativo busca traduzir em palavras e imagens o depoimento e a interpretação dos agricultores e agricultoras a respeito de suas experiências.

Além de apresentar suas inovações, esses instrumentos dão visibilidade às histórias de vida das famílias agricultoras ou à trajetória de um determinado grupo, sinalizando seus problemas e dificuldades práticas, as soluções encontradas e, sobretudo, os caminhos percorridos para o desenvolvimento da inovação focalizada. Assim concebidos, esses instrumentos procuram evidenciar as capacidades criativas dos indivíduos e grupos locais no enfrentamento dos obstáculos do cotidiano.

Para que os(as) agricultores(as) experimentadores(as) se apropriem efetivamente do material produzido é necessário que a edição final seja fiel às suas idéias, falas e pensamentos e que sua cultura e valores sejam respeitados. Quando finalizada a primeira versão do documento, ela retorna aos agricultores e agricultoras para que possam conhecer e ajustar o conteúdo. Esse procedimento é importante para que eles se apropriem da sistematização de sua experiência, pois serão os próprios que farão a distribuição do boletim.

O destaque às trajetórias das pessoas e/ou grupos em seus processos de inovação é o aspecto central das narrativas apresentadas. Em muitas situações, as inovações apresentam baixa aplicabilidade em contextos distintos dos quais foram desenvolvidas. No entanto, ao explicar os princípios e fundamentos associados à inovação, estimula-se que outros grupos ou indivíduos a ajustem para as suas realidades específicas ao conduzirem suas próprias experimentações. Ao apresentar a inovação sistematizada no contexto no qual ela foi desenvolvida e experimentada, o material realça o potencial criativo e as formas de experimentação e organização adotadas. Esse realce exerce um papel importante ao elevar a auto-estima dos inovadores e ao motivar outras pessoas e grupos a também ingressarem nas redes de inovação local.



O fortalecimento de um sistema compartilhado de comunicação social no

Pólo da Borborema permitiu que os agricultores experimentadores se apropriassem não só dos instrumentos de sistematização, mas também da concepção metodológica que os fundamenta.

Geração e disseminação de conhecimentos

A experiência da AS-PTA no agreste da Paraíba tem mostrado que o emprego dos boletins informativos nos momentos presenciais de intercâmbio contribuem efetivamente para a troca e a construção de novos conhecimentos. Foi, por exemplo, no momento da constituição da Comissão de Saúde e Alimentação do Pólo Sindical da Borborema¹ que um grupo de agricultoras experimentadoras discutiu a importância de se realizar um encontro regional que pudesse valorizar e dar visibilidade às experiências desenvolvidas no “arredor de casa”.

Com o objetivo de melhor conhecer e entender esse espaço tão complexo, deu-se início a um processo de



Leitura da cartilha sobre experiências de uso de plantas medicinais em Lagoa Seca, PB

sistematização a partir do qual as agricultoras que participam da comissão buscaram olhar criticamente para esse espaço para compreender quais eram as partes que o compunham, suas funções, seus principais problemas e, principalmente, procuraram identificar as experiências que vinham sendo desenvolvidas para solucionar dificuldades coletivamente vivenciadas.

Durante os três meses que antecederam o encontro, a comissão promoveu várias visitas de intercâmbio e identificou, nas comunidades, iniciativas significativas que poderiam ser apresentadas no evento para motivar os seus debates. Após essas rodadas de identificação de práticas locais inovadoras, foram escolhidas sete experiências que ajudariam o grupo a interpretar esse subsistema durante o encontro: a horta de plantas medicinais e o uso da água servida; a reciclagem de lixo; a criação de animais de terreiro; o uso da cerca viva ou de tela para divisão do espaço; o uso da multimistura e a fabricação de remédios caseiros; o beneficiamento de frutas nativas; e a organização do espaço do “arredor de casa”.



¹ O Pólo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema é uma articulação de organizações formais e informais presentes em 16 municípios do agreste da Paraíba. Tem como objetivo promover um projeto de desenvolvimento rural sustentado para a região, fundamentado na produção de base familiar e na agroecologia. Organiza-se em cinco comissões temáticas, responsáveis por planejar, conduzir e monitorar redes de inovação agroecológica que se estruturam e se capilarizam nos municípios e comunidades da região por meio do engajamento espontâneo de agricultores(as) experimentadores.



Troca de experiências sobre produção de remédios caseiros e multimistura.

A fim de auxiliar a socialização dos conhecimentos acumulados no decorrer do processo preparatório e fomentar as capacidades interativas das agricultoras durante o evento, foi elaborado um conjunto de instrumentos de comunicação. As experimentadoras, as famílias ou mesmo um grupo de agricultores(as) que têm suas inovações sistematizadas são levadas a descrever e interpretar suas realidades por meio de uma conversa informal articulada pela assessoria ou pelas lideranças do Pólo que integram as comissões temáticas. Essas conversas auxiliam a preparação das pessoas que apresentarão suas experiências no encontro e fornecem as informações necessárias para que uma primeira versão do informativo seja elaborada.

No evento, foi estruturado um cenário que reproduzia o “arredor de casa”. Nele, as agricultoras se posicionavam para apresentar suas experiências. Preparadas para partilhar os ensinamentos aprendidos com suas próprias práticas, as agricultoras levaram espontaneamente para o encontro porções de multimistura, remédios caseiros, amostras de vários tipos de plantas utilizadas como cerca vida, diversas mudas de plantas medicinais, de frutas nativas e os doces beneficiados. Ao final de suas apresentações, as agricultoras distribuíram ao público, formado por quase 100 mulheres, os boletins informativos que relatavam a trajetória de suas experiências. Alguns desses boletins foram elaborados pela própria experimentadora.

Aprender com as práticas

O fortalecimento de um sistema compartilhado de comunicação social no Pólo da Borborema permitiu que os grupos de agricultores-experimentadores se apropriassem não só dos instrumentos de sistematização, mas também da concepção metodológica que os fundamenta. Diante de um intenso processo de experimentação, os agricultores e agricultoras acreditam ser necessário atualizar os conteúdos dos boletins informativos, sistematizar suas novas experiências imprimindo o mesmo dinamismo verificado na experimentação ao processo de comunicação. A sistematização cumpre assim um papel essencial na mediação da cadeia de geração e partilha de conhecimentos agroecológicos.

Testemunha-se hoje a afirmação de um movimento social de inovação com base no intercâmbio, na troca horizontal de saberes e na constituição e estímulo às redes de conhecimento. Na Paraíba, esse movimento social já rompeu as fronteiras do Pólo da Borborema e irradia-se para diversas regiões do estado onde atua a Articulação do Semi-árido Paraibano (ASA-PB), um fórum de organizações e pessoas para a promoção da convivência com o semi-árido. Já são mais de 150 boletins informativos sistematizados em todo o estado, animando as várias redes de inovação de âmbitos local e estadual. São centenas de agricultores e agricultoras que compartilham seus conhecimentos para muito além de seus círculos de influência presencial.

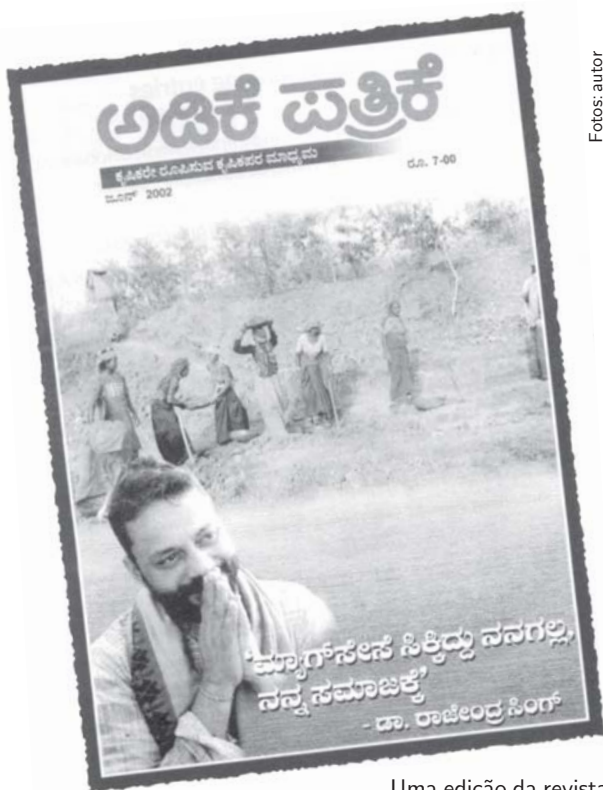
Observa-se no Brasil um movimento crescente de reflexão coletiva sobre abordagens metodológicas inovadoras para a construção do conhecimento agroecológico. Um número já expressivo de entidades vem utilizando instrumentos como o boletim informativo para estimular a construção e circulação de conhecimentos sistematizados das experiências vivenciadas localmente.

***Adriana Galvão Freire:**
assessora técnica da AS-PTA
adriana@aspta.org.br

Luciano Silveira:
coordenador do Programa Local
do Agreste da Paraíba
luciano@aspta.org.br

Roberval da Silva:
assessor técnico da AS-PTA
roberval@aspta.org.br

Paulo Petersen:
diretor-executivo da AS-PTA
paulo@aspta.org.br



Fotos: autor

Uma edição da revista
Adike Patrike

Sistematizando experiências da “Universidade do Povo”

Shree Padre*

A *dike Patrike* é uma revista mensal sobre agricultura publicada na língua local Kannada e distribuída no estado de Karnataka, na Índia. Hoje em seu 18º ano, a revista pode ser considerada uma iniciativa única, por ser escrita, editada e publicada exclusivamente por agricultores. Este artigo relata algumas de nossas experiências e aprendizados como jornalistas.

Desde meados da década de 90, o tema da captação e manejo de água da chuva é o principal assunto da revista. O motivo dessa decisão é simples: naquela época, assim como agora, esse era um tema muito importante para os leitores. O nível de água subterrânea caía drasticamente ano após ano e, na maioria dos municípios, o árduo trabalho na agricultura não vinha trazendo resultados satisfatórios para os agricultores. A cada verão, a crise da água se tornava mais grave. Em geral, os principais meios de comunicação não divulgavam conhecimentos práticos sobre captação e manejo de água de chuva e suas coberturas jornalísticas sobre a crise da água e as secas só enfocavam os aspectos negativos.

Como jornalistas envolvidos com temas ligados à agricultura e ao meio rural, constantemente ouvíamos falar sobre projetos de microbacias e das práticas de captação e armazenamento da água de chuva. No entanto, nem mesmo os técnicos detinham conhecimentos práticos de como desenvolver trabalhos nesse campo. E pior: os métodos descritos em livros ou recomendados pelos órgãos do governo não eram adaptados às condições locais e às possibilidades materiais das famílias agricultoras. De acordo com essas recomendações, a captação e o armazenamento da água da chuva deveriam ser feitos por grandes barragens que exigiam muito dinheiro em sua construção. Diante dessa realidade, começamos a procurar métodos que agricultores pudessem implementar por conta própria.

Ganhando confiança

Felizmente, conseguimos encontrar algumas organizações não-governamentais que desenvolviam experiências interessantes em captação e manejo da água de chuva. A partir da identificação dessas experiências, criamos diretrizes próprias para nossa ação. Primeiro, nos voltáramos para os êxitos obtidos por agricultores(as), referindo-nos a isso como sendo experiências produzidas pela “universidade do povo”. Em segundo lugar, cobriríamos apenas iniciativas bem-sucedidas que não tivessem contado com subsídios do governo. A terceira condição foi de que os métodos sistematizados e publicados em nossa revista teriam que ser replicáveis em pelo menos algumas poucas comunidades ao redor.

Como a captação e o manejo de água de chuva era um conceito novo, nosso primeiro desafio foi criar confiança nos leitores da *Adike Patrike* de que os métodos funcionavam. Experiências anteriores mostraram claramente que as histórias de famílias agricultoras que tiveram

iniciativas bem-sucedidas eram uma fonte excepcional de inspiração para nosso público. Esses relatos de sucesso podem ser bastante inspiradores porque têm maior credibilidade junto aos leitores. Se necessário, ele pode visitar uma determinada experiência relatada e conferir pessoalmente se as informações são verdadeiras. Isso faz com que ele acredite que também pode adotar o método, que é acessível. O mesmo não podia ser dito das histórias de êxitos obtidos pelos órgãos do governo.

Outra lição que o jornalismo nos ensinou é a de agregar uma certa dose de interesse humano aos relatos. Simples estatísticas e detalhes técnicos não são muito atrativos para o público. Por isso, combinamos as alegrias e tristezas das pessoas com o esforço que elas despenderam, as lições que aprenderam pela experimentação e as mensagens que podem oferecer para os outros e transformamos tudo numa história. Procuramos também assegurar que cada relato contenha algumas passagens de caráter prático, que provoquem reflexão, apontando erros cometidos no manejo dos solos, da água, da vegetação.

A publicação dessas experiências gerou interesse imediato. Como resultado, começamos a ser convidados para participar de encontros com agricultores. A princípio, educadamente, recusávamos os convites, sen-



Emprego do saree (roupa típica indiana) para coleta de água de chuva

tindo que não tínhamos experiência suficiente. No entanto, logo nos demos conta de que conhecíamos uma série de histórias de sucesso incentivadoras, todas carregadas de otimismo, ao apresentar a mensagem de que nós, pessoas comuns, podemos conservar o solo e a água empenhando pequenos esforços.

Isso nos animou a aceitar os convites para muitos encontros de conscientização organizados por agricultores, ONGs e órgãos governamentais. Elaboramos materiais de comunicação e organizamos projeção de slides ilustrando o tema com situações concretas que apresentavam ensinamentos. A pedido de grupos locais, o autor deste artigo teve a oportunidade de viajar bastante pelos estados de Karnataka e Kerala, tendo apresentado projeções de slides em mais de 400 reuniões.

Descobrimos experiências

Os contatos feitos durante essas exposições de slides ofereceram grandes oportunidades para “farejar” outras iniciativas de sucesso. Começamos a fazer isso perguntando sempre para as pessoas presentes: há alguém aqui que possa apresentar bons resultados, tenham eles sido obtidos de forma intencional ou não, da prática de captação e manejo de água de chuva? Cacimbas que secaram são muitas vezes consideradas um desperdício de espaço e as pessoas costumam cobri-las com terra: numa vila onde a maior parte desses poços foi coberta, há algum reservatório de água? Existem agricultores que tenham colhido grãos suficientes para sua família durante um período de seca mais severa? Há alguma propriedade ou área que não permite que a água barrenta flua quando chove? Alguém acredita que, em volta de sua casa ou propriedade, tenha água suficiente, inclusive para a próxima geração?

Adotando esse procedimento, pudemos conhecer muitas outras experiências bem-sucedidas. Uma das mais interessantes é a de Munda Shrikrishna Bhat, um agricultor do estado de Karnataka. Há muitos anos, ele permitiu que pedras usadas para construção fossem retiradas do morro do lado oposto de sua casa. Com o tempo, a pedreira ficou bastante grande, parecendo um imenso tanque vazio que gradativamente era preenchido com água das chuvas. Não era de se espantar que o nível de água do poço do quintal de Bhat, que ficava ao pé do morro, tenha aumentado bastante. Embora ele não estivesse totalmente consciente da ciência por trás desse processo, ele seguiu à risca a sugestão de desviar qualquer curso d'água superficial disponível para essa pedreira. Isso fez com que ele tivesse ainda mais água em seu poço.

Outro caso é o de Vijayamma, uma agricultora que, juntamente com seu marido, há vinte anos começou a desviar o escoamento da água vinda de uma estrada próxima para seus pés de coqueiros. Apesar de a maioria dos 45 poços artesanais da região ficar seca quatro meses por ano, Vijayamma não tem com que se preocupar. Ela até mesmo tem podido fornecer água para vizinhos na estação seca. Durante uma projeção de slides sobre a captação e manejo de água de chuva em seu vilarejo no estado de Kerala, ela orgulhosamente mencionou que nós estávamos apresentando algo que eles vinham fazendo com sucesso por mais de duas décadas.

Por um período de quase dez anos, conseguimos colher idéias a partir de diálogos, reuniões de grupos e observações casuais feitas durante conversas ou ainda pelas cartas que recebemos de tempos em tempos de nossos leitores. Muitas desses contatos têm finalmente se convertido em experiências de sucesso na conservação do solo e da água, com grande valor para inspirar outras pessoas.

Sistematizando os sucessos

Como sistematizamos as experiências bem-sucedidas? Na maior parte das vezes, fazemos visitas a campo. A informação vital que buscamos em tais visitas inclui: detalhes sobre a gravidade da falta de água na região; a descrição precisa dos métodos utilizados na captação e no manejo da água de chuva; a razão dos agricultores para optarem pelo método que está sendo sistematizado; os custos de implementação do método e os benefícios obtidos; as lições aprendidas no processo de experimentação do método; outras mudanças que ocorreram (além do aumento da disponibilidade de água); e outros conselhos que podem ser oferecidos a outros agricultores. Além das entrevistas, registramos fotograficamente a experiência.



Mulheres estão envolvidas de forma bastante ativa na prática de captação e manejo de água de chuva

Os recursos de que dispomos não permitem viagens de longa distância. Portanto, em alguns casos, adotamos um método diferente. Ao recebermos a indicação de uma experiência inovadora, telefonamos para o agricultor indicado e checamos se a informação é verdadeira. Se for, discutimos os principais aspectos do êxito da experiência. Isso nos oferece um quadro amplo, o que nos ajuda a montar um questionário detalhado, e fornece sugestões para as fotografias. O agricultor então responde ao questionário e pede que um fotógrafo amigo ou mesmo profissional tire algumas fotos de acordo com nossas orientações. Isso pode levar algum tempo, o que às vezes nos obriga a realizar cobranças antes de conseguirmos receber o material escrito e as fotos. Em seguida, realizamos novas discussões ao telefone para colher informações adicionais, de forma a suprimir eventuais lacunas ou obter esclarecimentos sobre algumas declarações. É nessa etapa de discussões finais que muitas vezes conseguimos pegar depoimentos e ensinamentos valiosos do agricultor. Se for necessário, também contatamos aqueles que aprenderam algo sobre a captação e manejo de água de chuva com o agricultor em questão, aqueles que pessoalmente testemunharam os benefícios trazidos, e ouvimos suas impressões. Sempre tentamos superar os obstáculos impostos por esse tipo de método de sistematização com mais discussão, até que a maior parte de nossos questionamentos seja esclarecida e tenhamos um quadro aprofundado do caso que temos diante de nós. Finalmente, esse grande volume de informação é editado e reduzido para um texto contendo entre 800 e 1000 palavras, ilustrado com duas fotografias.



Durante o processo, aprendemos lições muito importantes sobre como funciona uma comunicação efetiva. Em primeiro lugar, em vez de escrever sobre centenas de teorias, retratar uma história real de sucesso, mesmo que pequena, em geral causa maior impacto. Em segundo lugar, uma experiência bem-sucedida desenvolvida na região é um forte incentivo para que vizinhos experimentem a inovação.

Experiências da revista *Adike Patrike*

Em setembro de 1996, iniciamos a publicação de uma seção de artigos especiais chamada *Nela Jala Ulisalu Nooru Vidhi* (“Centenas de maneiras de conservar o solo e a água”). Nessa seção, somente experiências de campo testadas e comprovadas eram selecionadas para a publicação. Após mais de oito anos, essa série foi elevada a outro patamar, ao percebermos o interesse considerável que provocou entre as pessoas, os principais meios de comunicação e os governos locais. Durante o processo, aprendemos lições muito importantes sobre como funciona uma comunicação efetiva. Em primeiro lugar, em vez de escrever sobre centenas de teorias, retratar uma história real de sucesso, mesmo que pequena, em geral causa maior impacto. Em segundo lugar, uma experiência bem-sucedida desenvolvida na região é um forte incentivo para que vizinhos experimentem a inovação. Por uma questão de motivação, percebemos que vale à pena até mesmo publicar relatos de experiências muito similares.

A qualidade e a disponibilidade da água têm uma série de implicações na vida das famílias. Se um agricultor estava comprando água e agora não o faz mais por estar empregando uma técnica de captação e manejo de água de chuva, água para ele significa dinheiro. Numa região em que a água contaminada vem causando doenças, água é saúde. Identificar tais elos sempre nos ajudou a apresentar as histórias de forma que elas atraíam o interesse dos leitores.

A complexidade da captação e do manejo de água de chuva reside no fato de que somente métodos específicos e adaptáveis para cada lugar podem ser escolhidos. Sendo assim, não podemos oferecer uma solução generalizada e superficial ou mesmo dar todas as orientações como se estivéssemos dando comida na boca a um bebê. Adotamos, portanto, a política de “apresentar um leque de opções”, apresentando os prós e contras por meio de nossa revista, livros e exibições de *slides*. Cada agricultor é quem melhor pode avaliar seu tipo de solo e topografia e as vantagens e desvantagens da aplicação de uma certa técnica. Extraindo os princípios e as dicas práticas das diversas iniciativas de sucesso apresentadas, eles podem desenvolver seus próprios meios para conservar o solo e a água.

Temos recebido bastante retorno de nossos leitores. Após quatro anos de publicação, suas histórias também ganharam espaço na seção. Embora os primeiros casos bem-sucedidos fossem individuais, histórias de sucesso de iniciativas comunitárias começaram a surgir lentamente. Hoje, há milhares de agricultores no estado de Karnataka que adotam de forma bem-sucedida as práticas de captação e manejo da água de chuva.

Os meios de comunicação convencionais começaram a se interessar pelo assunto. Hoje, em Karnataka, três dos principais jornais diários dedicam uma coluna semanal sobre captação e manejo de água de chuva. Em Karnataka e em Kasaragod, um distrito vizinho do estado de Kerala em que somente a minoria da população fala a língua Kannada, lições simples sobre captação de água de chuva são incluídas até mesmo nos livros escolares. O sucesso obtido em suas próprias casas levou a administração de algumas escolas privadas a também inserir o assunto em suas diretrizes, como forma de educar os alunos. Um movimento “silencioso” de captação e manejo de água de chuva pode ser agora encontrado em seis distritos com alto índice pluviométrico em Karnataka, e nós da *Adike Patrike* estamos orgulhosos de ter desempenhado um papel decisivo para seu desenvolvimento.

***Shree Padre:**

jornalista da Adike Patrike.

Post Vaninagar, Via Perla 671 552, Kerala, Índia.

yespee@gmail.com



Agricultores apresentando experiências e discutindo seus resultados

Sistematização: um instrumento valioso para as Escolas de Campo de Agricultores

Eefje den Belder, Martín García e Don Jansen*

Metodologias como as Escolas de Campo de Agricultores (ECA)¹ visam promover o desenvolvimento sustentável a partir de processos de aprendizado por auto-descoberta baseados em encontros realizados a campo. Para ser útil aos agricultores, uma ECA exige um programa bem desenvolvido e bem organizado. Isso inclui a escolha de temas sobre os quais os agricultores têm maior interesse, a definição

dos conteúdos dos encontros das escolas de campo e a permanente reflexão sobre as atividades realizadas.

A metodologia da ECA é empregada no “Projeto Café Sustentável no Peru”, desenvolvido no vale Ubiriki-Perené, em Junin, um dos principais estados do

¹ Escolas de Campo de Agricultores (Farming Fields Schools, em inglês) é uma metodologia que foi desenvolvida no sudeste da Ásia, nos anos 80, pela FAO – Organização para a Agricultura e Alimentação das Organizações das Nações Unidas. As ECAs adotam uma pedagogia fundamentada na aprendizagem pelo descobrimento, ou seja, pelo estímulo à experimentação por parte dos próprios alunos agricultores. Para conhecer mais sobre as ECAs, veja a edição de *Leisa: revista de agroecologia* (em espanhol) integralmente dedicada ao assunto em [http://agriculturas.leisa.info/index.php?url=magazine-details.tpl&p\[_id\]=67143](http://agriculturas.leisa.info/index.php?url=magazine-details.tpl&p[_id]=67143) (n. ed.).

país. Iniciado em março de 2003, o projeto é supervisionado pelo Instituto Internacional de Pesquisa de Plantas (*Plant Research International*) e é implementado em parceria com a Cooperativa Agrária Cafeeira Sustentável Valle Ubiriki. Atualmente, cerca de 190 famílias produtoras de café participam regularmente das nove ECAs promovidas pelo projeto.

A experiência do projeto revela como a sistematização de informações pertinentes sobre iniciativas inovadoras desenvolvidas pelos próprios agricultores tem desempenhado um papel fundamental no apoio aos processos de aprendizagem. Este artigo ilustra como a sistematização pode contribuir e fortalecer os processos de aprendizagem por meio de três exemplos: a realização de um diagnóstico sobre a situação dos cafeicultores para orientar o desenvolvimento do currículo das ECAs; a elaboração de folhetos como suporte pedagógico para a abordagem de formação adotada nas ECAs; e o emprego de um diário de campo para o registro de dados a fim de facilitar a avaliação e comparação das experiências dos agricultores.

Desenvolvendo o conteúdo das Escolas de Campo de Agricultores (ECA)

Para orientar o desenvolvimento do conteúdo das ECAs do projeto, 150 famílias foram entrevistadas em suas propriedades. Diversos instrumentos foram utilizados para a coleta de informação, incluindo um questionário de quatro páginas. O questionário abordava desde aspectos técnicos da produção e do processamento do café, até informações sobre os serviços de extensão existentes na região e sobre o grau de organização e de participação local. Enfocava também as condições de vida das famílias tais como a disponibilidade de terra, o acesso a insumos, as restrições financeiras e de abastecimento alimentar, a situação das mulheres agricultoras etc. A análise dos questionários e das observações preliminares coletadas nos cafezais transformou-se em dados qualitativos e quantitativos sobre as dificuldades vivenciadas pelos cafeicultores.

Os agricultores demonstraram sua satisfação durante as oficinas que foram realizadas após a fase das entrevistas, fazendo declarações tais como: “descobri que não sou o único a ter problemas com *cola de chancho* (deformação da raiz de pés de café)”; “agora temos uma lista de novas questões que precisamos aprender para aprimorar a produção de café”; ou então “percebi que ainda tenho muito o que aprender”.

Dessa forma, os participantes em potencial das ECAs foram envolvidos no desenvolvimento do programa das escolas. A equipe do projeto e os agricultores analisaram as dificuldades da produção cafeeira na região e identificaram temas relevantes que precisavam ser abordados. Perguntas do tipo “Como posso melhorar a qualidade do

café? Como posso me sustentar com essa atividade? Como funciona o mercado de café?” constituíram o ponto de partida para a elaboração do programa educacional das ECAs. Mais do que definir os conteúdos das ECAs, o envolvimento dos agricultores desde o início permitiu assegurar que eles adquirissem uma compreensão compartilhada sobre sua situação. Como resultado, eles demonstraram grande interesse na criação da ECA (ver quadro 1).

Os folhetos da Escola de Campo de Agricultores

Durante os encontros realizados no campo, uma grande variedade de metodologias e instrumentos foi utilizada para o trabalho junto aos agricultores, tais como diagramas, desenhos, fotografias, quadros, materiais vivos, apresentações orais, canções, poemas, peças de teatro e folhetos. Era necessário adotar estratégias diferentes para tratar diferentes temas, mas os agricultores consideraram os folhetos o recurso mais proveitoso. Durante as primeiras entrevistas, 87% dos agricultores mencionaram que gostariam de participar de uma ECA, 60% consideraram úteis as informações transmitidas por rádio, enquanto 100% consideraram os folhetos instrumentos úteis e apropriados para atender suas necessidades.

Os folhetos foram produzidos pela equipe local em conjunto com os agricultores, sendo escritos numa linguagem acessível com ênfase nos “por quês” e nos “comos”. Eles apresentam soluções técnicas variadas, vantagens e desvantagens das diferentes alternativas, seqüências e possíveis dificuldades para a adoção das práticas. Incluem também considerações realizadas pelos agricultores durante os encontros, muitas vezes anotadas por um dos facilitadores ou extraídas dos diários de campo individuais dos agricultores (reflexões pessoais sobre o que aprenderam com a experiência). Para ilustrar os folhetos, os agricultores escolheram desenhos feitos pelos facilitadores e fotografias tiradas durante as atividades de formação.

A idéia é reunir os 18 folhetos técnicos já produzidos para compor um pequeno manual. Dessa forma, agricultores podem reler e reconsiderar o que foi dito nos encontros e escolher melhor as soluções que querem adotar. A nossa experiência tem demonstrado que, juntamente com os folhetos, os encontros de campo proporcionam um ambiente favorável para o estímulo ao contínuo processo de inovação e adoção local das alternativas apresentadas. Como a elaboração dos folhetos técnicos foi uma atividade realizada em conjunto por agricultores e facilitadores, a relação entre eles mudou, gerando uma atitude de responsabilidade e confiança mútuas e criando um ambiente de melhor entendimento entre ambas as partes.

Os conteúdos desses folhetos variaram bastante de acordo com as necessidades dos participantes e a complexidade do assunto. Ao tratar da prática da poda, por exemplo, um pequeno grupo começou a comparar, durante um longo período, o desenvolvimento de pés de

café num cafezal podado de forma “experimental” com outro manejado convencionalmente. O grupo monitorou o desenvolvimento das plantas sob ambos os “tratamentos” e apresentou os resultados para os outros participantes. Várias idéias foram discutidas e as seguintes perguntas foram inseridas no folheto resultante: “Por que devemos podar? O que acontece se os pés de café não forem podados? Como e quando devemos podar? O que acontece depois da poda?” (ver quadro 2).

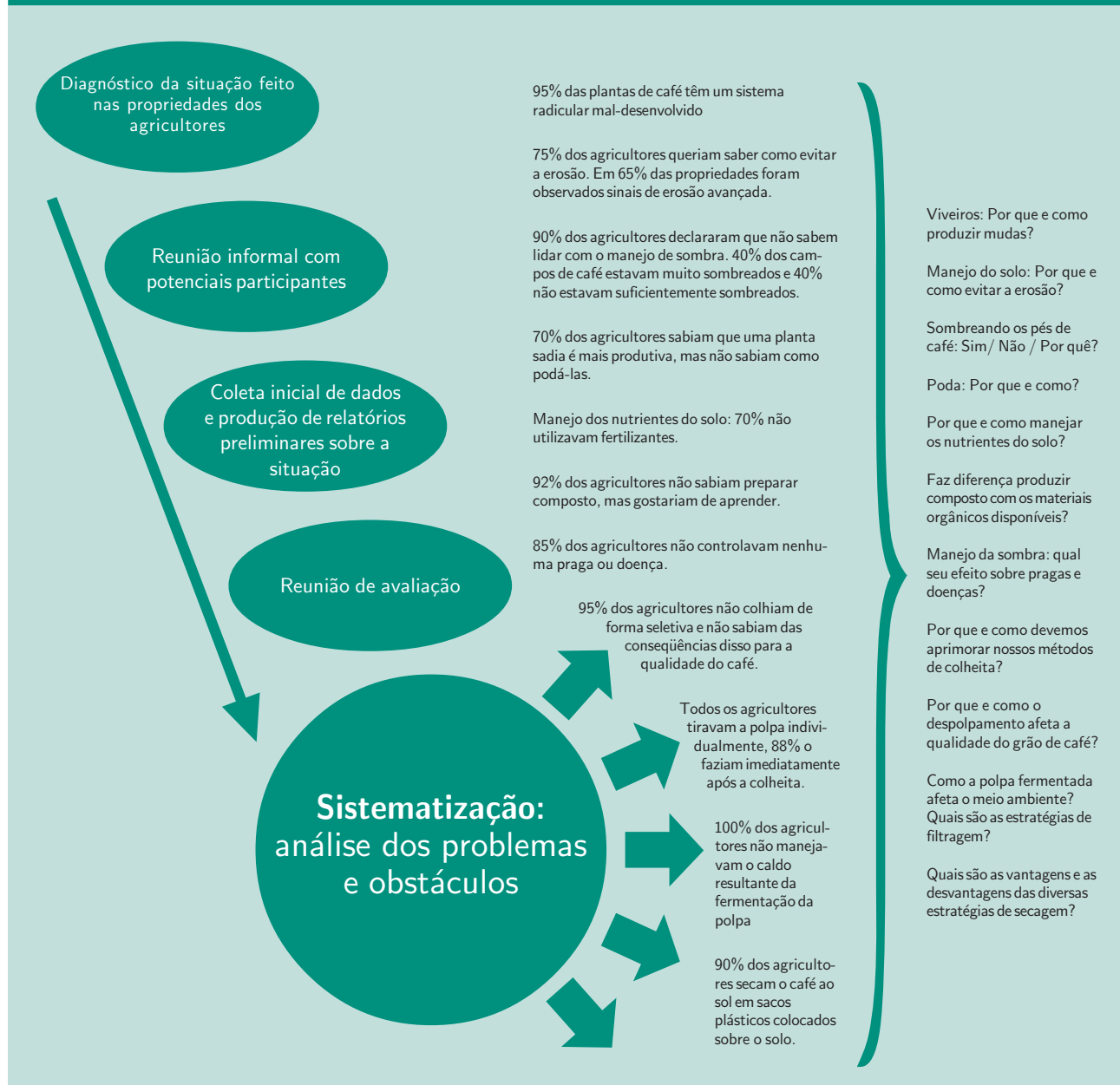
Comparando práticas agrícolas

A grande virtude da metodologia da ECA está no vínculo entre o processo de formação e a avaliação

local de alternativas tecnológicas. Se o trabalho diário nos campos de café e a reflexão sobre as escolhas feitas forem sistematizados, as famílias agricultoras podem desenvolver suas habilidades para a tomada de decisão sobre o manejo. Nesse processo, o diário de campo é essencial.

O diário de campo foi usado pelos agricultores para registrar todos os gastos e horas dedicadas à produção e ao processamento do café, inclusive os despendidos com trabalho terceirizado. A informação foi registrada num diário cujo formato foi concebido nas ECAs em conjunto com a equipe do projeto. Quando necessário, a coleta de dados era orientada pelos facilitadores. A cada 14 dias os dados são recolhidos. Posteriormente, são sintetizados por meio de um modelo descritivo desenvolvido na Uni-

Quadro 1 – Exemplo do papel desempenhado pela sistematização na elaboração de um programa educacional para uma Escola de Campo de cafeicultores da região amazônica central do Peru.



versidade de Wageningen (Holanda), que permite gerar gráficos simples nos quais os resultados individuais dos agricultores são visualizados. A cada três meses os agricultores debatem seus resultados, possibilitando o intercâmbio de informação e a comparação entre as diferentes práticas adotadas e os êxitos obtidos.

Por meio desse processo, os agricultores passaram a adaptar tecnologias existentes e a testar novas idéias. Foi possível, por exemplo, o enfrentamento de problemas cujas soluções eram até então dificilmente visualizadas devido aos altos custos envolvidos nas técnicas disponíveis. Ao sistematizar seus experimentos, os agricultores desenvolveram habilidades que os permitem análises mais amplas sobre seus sistemas de produção. Alguns exemplos dessas habilidades adquiridas são:

- como relacionar o número de horas dedicadas à colheita com o total colhido;
- como relacionar o número de horas de trabalho de campo com o total de café colhido;
- como comparar o que se ganha por hectare com relação aos custos de produção.

Os agricultores consideraram esse processo de coleta, análise e discussão dos dados muito interessante, desafiador e prazeroso. Isso se reflete claramente na disciplina demonstrada pelos envolvidos e na alta qualidade do trabalho desenvolvido. Eles passaram a testar a utilidade desse método de acordo com suas necessidades. Inicialmente, apenas seis agricultores de cada escola fizeram o registro de suas experiências já que o método era novo

Quadro 2 – Exemplo de folheto produzido na Escola de Campo de Agricultores

Pequenos grupos de cinco a oito participantes foram formados. Cada um discutiu seus problemas e refletiu sobre suas experiências, tentando responder a diversas questões. Sob a orientação de um facilitador, a análise crítica sobre as práticas de poda existentes e novos conhecimentos levou a algumas “conclusões”, que foram sintetizadas e registradas nos folhetos.

Por que devemos podar?

- Porque, ao ser podada, uma planta velha se torna uma planta jovem e produz como uma planta jovem.
- Porque você pode querer evitar que a planta cresça muito, o que torna a colheita mais fácil.
- Podar estimula o crescimento de troncos e galhos novos e vigorosos.
- Ao podar, você obtém grãos maiores, que têm mais qualidade do que os menores.
- Podar evita uma supersafra e, conseqüentemente, reduz o ciclo bienal de produção.
- Podar ajuda a prevenir alguns problemas de pragas e doenças.
- A planta podada pode aproveitar de forma mais eficiente o adubo.
- Podar melhora a situação econômica do agricultor.

O que acontece se os pés de café não forem podados?

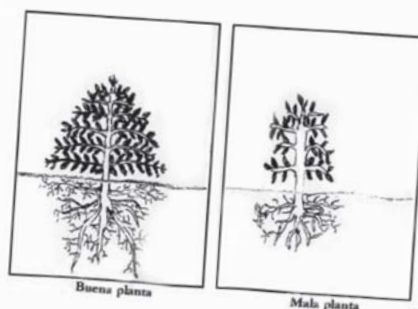
- Será mais difícil prevenir e reduzir algumas pragas e doenças.
- Será mais difícil colher os grãos de uma planta alta com galhos de 3 a 4 metros.
- Serão colhidos grãos menores e mais infestados.
- O custo do trabalho contratado para colher em um cafezal não-podado é maior.
- Ramos velhos competirão com os novos por nutrientes.

QUE PASA DESPUES DE LA PODA

- Se empieza a recuperar la planta, salen nuevas hojas el tallo empieza a engrosar la planta se vuelve mas vigorosa.
- La incidencia de plagas y enfermedades empieza a bajar.

QUE SUCEDE CUANDO SE PODA PLANTAS DEBILES

- Quiere decir amigo agricultor cuando hacemos una poda, solamente las plantas que tenían buen follaje (hojas) brotan buenos chupones.
- Cuando se poda plantas débiles los tallos se secan y no rebrotan las yemas o salen yemas muy débiles que después se mueren.
- Porque las hojas son el espejo de las raíces las plantas con pocas hojas son plantas con pocas raíces es decir plantas con bastantes hojas son plantas con abundante raíces.



Exemplo de folheto

tanto para eles quanto como para os facilitadores. Após a apresentação dos resultados do primeiro ciclo de produção do café, todos os participantes das ECAs quiseram adotar a metodologia do diário de campo, pois perceberam que ela lhes permitia analisar suas próprias situações. Trata-se de uma metodologia simples, que possibilita o registro, a análise e a organização de informações úteis para os debates dos grupos das ECAs. Um dos fatores que incentivam os agricultores a adotar o diário de campo é a utilidade dele no apoio à administração de suas propriedades. Esse método, é claro, tem algumas limitações. Não se pode lidar com todos os problemas por meio do instrumento do diário de campo. Algumas questões, tais como o manejo do sombreamento dos cafezais, são muito complexas e demandam mais tempo e orientação. Outras, tais como o manejo de doenças e pragas que se espalham com facilidade – a doença dos grãos do café ou a broca-do-café (*Hypothenemus hampei*), por exemplo – são muito perigosos para serem colocados em experimentação a campo.

A metodologia da Escola de Campo para Agricultores proporcionou um ambiente favorável para o debate acerca dos resultados dos diários de campo porque os agricultores e facilitadores já haviam trabalhado de forma muito próxima durante um ano.

Considerações finais

Para que as abordagens de aprendizagem e pesquisa das ECAs produzam um impacto real na produtividade e na vida das famílias agricultoras, metodologias para o compartilhamento da informação devem ser desenvolvidas e seu uso deve ser promovido. A sistematização é uma ferramenta poderosa para integrar e disseminar conhecimento. Os exemplos aqui apresentados mostram que:

- a sistematização sobre as condições de produção vivenciadas pelas famílias permite a identificação de problemas e suas possíveis soluções. Esse conhecimento pode ser empregado no desenvolvimento dos currículos das ECAs. Por estarem envolvidos desde o início, os agricultores sentem que são “donos”, pelo menos em parte, do programa de ensino que os motiva.
- a sistematização das conclusões dos encontros entre agricultores e facilitadores na forma de pequenos folhetos pode ajudar a construir uma relação de confiança e entendimento mútuo. Incentivar os agricultores a produzir o conteúdo dos folhetos contribui para tornar o processo de aprendizado mais efetivo e os estimula a dar continuidade;
- por meio da coleta de dados no diário de campo, os agricultores desenvolvem habilidades que lhes permitem analisar sua própria situa-



Poda de café

ção. Ao comparar as atividades empregadas no manejo de suas propriedades com os resultados de outros, os agricultores podem adaptar tecnologias já existentes e testar novas idéias.

***Eefje den Belder:**

*cientista-sênior do Plant Research International, em Wageningen, Holanda / gerente do Projeto Café Sustentável no Peru.
efje.denbelder@wur.nl*

Martin García:

gerente local do projeto, em Pichanaki, Peru.

Don Jansen:

cientista-sênior do Plant Research International, em Wageningen, Holanda / diretor do Projeto da DE Foundation.

Referências bibliográficas:

FREIRE, P. *Pedagogy of the oppressed*. Londres: Pelican, 1996.

GALLAGHER, K. Fundamental elements of a farmer field school. *LEISA Magazine*, v. 19, n. 1, 2003.

THIJSSSEN, R. PTD practitioners: back to school? *LEISA Magazine*, v. 19, n. 1, 2003.

THOMSON, I.; BEBBINGTON, J. It doesn't matter what you teach? *Critical Perspectives on Accounting*, 15(4/5), 2004.



Encontro com agricultores(as) monitores(as) para devolução das informações e identificação de lições



Entrevista com agricultores(as) de Divino - MG

Sistematização de ex saber constr

Simone Ribeiro, Fernanda Testa Monteiro e
Eugênio A. Ferrari*

Algumas entidades que atuam na promoção da agricultura familiar têm acumulado experiências metodológicas muito ricas no campo da construção coletiva do conhecimento agroecológico. A sistematização dessas experiências cria ambientes fecundos para que os agentes diretamente envolvidos na ação reflitam, aprendam e aprimorem suas próprias intervenções, além de possibilitar a organização e a disseminação dos aprendizados gerados.

O Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA), por exemplo, tem incorporado a prática da sistematização das abordagens metodológicas que emprega como atividade voltada para o contínuo aprimoramento de sua ação institucional. Ao sistematizar um projeto, a entidade entende que esse esforço não pode se resumir ao agrupamento e ordenação de informações, mas deve, sobretudo, enfatizar a reflexão crítica sobre suas próprias experiências para, a partir delas, identificar lições e aperfeiçoar seus métodos de ação. Assim compreendidos, os processos de sistematização têm contribuído para

gerar conhecimentos úteis tanto para o CTA e seus parceiros quanto para outras instituições que se proponham a iniciar intervenções similares. Este artigo descreve a experiência de sistematização do Programa de Formação de Agricultores e Agricultoras em Sistemas Agroecológicos de Café Orgânico e apresenta algumas das reflexões e aprendizados que são fruto desse processo¹.

A sistematização do Programa de Formação de Agricultores e Agricultoras - PFA

A sistematização do PFA teve por objetivo analisar de forma participativa o contexto em que este se desenvolveu, suas estratégias metodológicas e resultados. Para tanto, procurou recuperar impressões e vivências dos envolvidos e avaliar os impactos na vida de agricultores(as) monitores(as), nas práticas metodológicas das entidades parceiras, bem como a irradiação das iniciativas em agroecologia promovida pelo programa.

O PFA buscava valorizar as experiências adquiridas por agricultores(as) na produção agroecológica de café por meio de três tipos de atividade interdependentes:

¹ Outras sistematizações semelhantes realizadas pelo CTA foram as do Programa de Desenvolvimento Local, da Experiência com Sistemas Agroflorestais, do Processo de Criação e Implantação Participativa do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e da experiência conhecida como "Conquista de Terras em Conjunto", do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Araponga.



Encontro final para análise e identificação de lições

Experiências: Aprendizado e compartilhado

encontros temáticos, que inicialmente abordavam questões específicas relacionadas à produção orgânica de café, mas que ao longo do programa passaram a incorporar outras dimensões temáticas de forma a contemplar a complexidade envolvida no enfoque agroecológico; experimentação de inovações agroecológicas por agricultores(as) monitores(as) em suas propriedades; e a socialização dos conhecimentos entre agricultores(as) monitores(as) e outros(as) agricultores(as).

Além dos impactos positivos na vida das famílias envolvidas, o PFA inova metodologicamente no que se refere à assistência técnica e extensão rural, já que são

os(as) agricultores(as) que assumem a centralidade nos processos de produção e circulação de conhecimentos agroecológicos.

O desenvolvimento da sistematização do programa teve duração de seis meses e passou pelas seguintes etapas:

- Definição da equipe e da metodologia de sistematização, envolvendo a equipe do CTA e agricultores(as) monitores(as) do PFA.
- Pesquisa documental e elaboração do roteiro de entrevistas para levantar as informações necessárias.
- Realização das entrevistas, feitas individualmente ou em encontros/reuniões de grupos.
- Reuniões e encontros para a devolução e análise das informações bem como para a identificação de lições parciais. Para assegurar que as percepções e perspectivas dos diferentes atores envolvidos no processo fossem contempladas nessa etapa, foram formados três grupos: de agricultores(as) monitores(as); da equipe técnica do CTA; e de organizações parceiras (grupo que se subdividiu em organizações da agricultura familiar e outras organizações).
- Encontro com todos os grupos para a análise e identificação conjunta de lições.
- Elaboração do documento final.
- Produção de materiais para a divulgação da experiência do programa.

Uma equipe de sistematização, composta por três membros do CTA, uma assessora e duas estagiárias, estudantes da Universidade Federal de Viçosa (UFV), se responsabilizou por elaborar e conduzir o processo.

A metodologia adotada foi inspirada na proposta de Hurtado (2001), segundo a qual a experiência deve ser analisada por intermédio de uma matriz, em que

as informações são ordenadas em eixos (na horizontal) que se desdobram em componentes (na vertical). A figura 1 apresenta os eixos e componentes que integram a matriz adotada para a sistematização do PFA.

As células da matriz foram preenchidas com questões orientadoras do trabalho de campo, conduzido de forma a levantar informações sobre o contexto local antes, durante e após a implementação do programa (ver exemplo na fig. 2). Por meio da elaboração dessas questões, foi possível estabelecer um mé-

Eixos	A intervenção institucional	B impactos na sustentabilidade dos agroecossistemas	C capacidade de gerar protagonismo na ampliação dos processos de promoção da agroecologia
Componentes			
1. formação	A1	B1	C1
2. experimentação	A2	B2	C2
3. difusão	A3	B3	C3
4. dimensão econômica	-	B4	-
5. dimensão ambiental	-	B5	-
6. dimensão social	A6	B6	C6

Figura 1 – Matriz orientadora da sistematização do PFA

todo coletivo de busca, compilação e análise de informações que favoreceu a apropriação das conclusões e lições por todas as pessoas envolvidas no processo.

O que aprendemos com o processo?

Em uma sistematização, identificar o foco ou os recortes prioritários de análise é tão importante quanto definir os objetivos que se pretende alcançar. Isso porque, na ausência desse foco, a equipe tende a ampliar cada vez mais o leque de informações – todas sempre consideradas muito importantes. No entanto, essa profusão de informações dificulta uma análise coerente e a obtenção de lições.

A metodologia empregada na sistematização do PFA permitiu orientar de forma criteriosa a busca de informações, facilitando o tratamento analítico das mesmas, o diálogo entre os diferentes atores envolvidos no processo, além de representar um ganho expressivo de tempo. Aplica-se especialmente a experiências complexas, como as que têm como objeto de análise as estratégias de entidades que atuam na promoção da agroecologia. Apesar da complexidade da experiência sistematizada, a metodologia permitiu que todos os agentes nela envolvidos participassem ativamente, ao contribuir com suas diferentes percepções, interpretações e análises. Esse envolvimento amplo favorece que todos(as) aprendam com o processo e possam assim aprimorar suas práticas.

Segundo os(as) agricultores(as) que participaram da sistematização, o método ressaltou o papel preponderante que eles(as) exercem na construção do PFA e deu visibilidade ao conjunto de informações e conhecimentos gerados. Representantes das organizações de agricultores(as) também saíram do processo com uma noção mais ampla dos impactos do programa e mais convictos de que a abordagem metodológica de assistência técnica e extensão rural empregada traz resultados mais significativos em relação às suas expectativas. Essas conclusões geraram motivação e fortaleceram a parceria. Além disso, professores e professoras da UFV identificaram nessa experiência abordagens inovadoras de ensino/aprendizagem e passaram a incorporar novos métodos pedagógicos, inclusive em suas aulas.

Para a equipe do CTA, a sistematização foi fundamental para que os conhecimentos acumulados pelos profissionais responsáveis pelo PFA fossem socializados com os demais colegas da entidade. Com isso, as inova-

Eixos	A intervenção institucional	B impactos na sustentabilidade dos agroecossistemas	C capacidade de gerar protagonismo na ampliação dos processos de promoção da agroecologia
Componentes			
2. experimentação	Como aconteceu a experimentação nas propriedades dos(as) monitores(as) e quais as facilidades e dificuldades encontradas?	Como a experimentação contribuiu para gerar impactos na sustentabilidade?	Em que medida a experimentação contribuiu para gerar protagonismo na ampliação dos processos de promoção da agroecologia?
3. difusão	Qual o papel dos parceiros no processo de repasse/difusão dos conhecimentos nos municípios?	De que forma as trocas de experiências nos espaços de repasses dos encontros influenciaram nos impactos de sustentabilidade?	Qual foi a capacidade dos(as) monitores(as) em repassar os conhecimentos agroecológicos?

Figura 2 – Exemplos de questões orientadoras no cruzamento dos eixos A, B e C com os componentes *experimentação* e *difusão*

ções metodológicas experimentadas acabaram sendo incorporadas por outros programas institucionais. O processo de sistematização resultou assim em um aprendizado que permitiu ao CTA repensar suas rotinas e incorporar novas habilidades que contribuíram para o fortalecimento institucional.

Finalmente, cabe ressaltar que foi rico e prazeroso ver e ouvir homens e mulheres, agricultores e técnicos, jovens e adultos formulando e reformulando seus pontos de vista e construindo novos conhecimentos. O processo de sistematização, partindo do saber partilhado por todos, dá novo sentido à experiência prática e ao conhecimento construído. Como nos diz Paulo Freire “...o conhecimento mais crítico da realidade, que adquirimos através de seu desvelamento, não opera, por si só, a mudança da realidade... mas ao desvelá-la, contudo, dá um passo para superá-la.”

***Simone Ribeiro:**

pedagoga, MS em educação, técnica do CTA-ZM
simone@ctazm.org.br

Fernanda Testa Monteiro:

agrônoma, assessora
fernandamonteiro5@hotmail.com

Eugênio A. Ferrari:

agrônomo, técnico do CTA-ZM
ferrari@ctazm.org.br

Referências Bibliográficas

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Porto: Afrontamento, 1975.

HURTADO, A. D. *Guía metodológica para la sistematización de experiencias en el S.R.* Bolívia: Secretariado Rural Peru, 2001. 47 p.



Reunião para sistematização de experiências em agrofloresta, Itamaraju-BA

Sistematização de experiências apoiadas pelos Projetos Demonstrativos - PDA

Denise Valéria de Lima, Elza Falkenbach e Mara Vanessa Dutra*

A história do Subprograma Projetos Demonstrativos – PDA – e dos projetos por ele apoiados vem revelando o acúmulo de conhecimento gerado por comunidades e organizações sociais que criam novas tecnologias e desenvolvem modelos de gestão e de produção sustentáveis em ecossistemas florestais brasileiros. O PDA é parte integrante do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, executado pela Secretaria de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável do Ministério do Meio Ambiente, e tem como objetivo gerar conhecimentos sobre proteção, uso e manejo dos recursos naturais, a partir das experiências da sociedade civil na Amazônia e Mata Atlântica.

Na tentativa de registrar e resgatar esses conhecimentos, o PDA apoiou as sistematizações de onze experiências desenvolvidas em diferentes locais da Amazônia e Mata Atlântica (ver quadro 1). As onze narrativas produzidas e a sistematização das sistematizações, ou seja, a análise e reflexão do processo, das suas singularidades e transversalidades, vêm sendo publicadas desde o final de 2005.

A seleção das onze organizações que participaram do processo baseou-se em critérios relacionados com a diversidade da localização geográfica dos projetos, a maturidade das experiências e, por conseguinte, o potencial delas em oferecer aprendizagens significativas para o PDA. A metodologia empregada foi definida em função de seu grau de adequação ao objetivo de produzir conhecimento contextualizado com base na participação ativa dos atores envolvidos nas experiências sistematizadas. Com isso, visava-se favorecer o desenvolvimento da capacidade dos atores locais para atuarem como protagonistas do processo de construção de políticas públicas e de mudança da suas realidades.

A avaliação do processo, feita por meio de entrevistas com as organizações que dele participaram, ressaltou alguns aspectos interessantes. Em primeiro lugar, a importância da sistematização como instrumento para

Título	Entidade responsável	Localização
1. Acordos de pesca – uma alternativa econômica e organizacional	Colônia de Pescadores Z-16	Cameté / PA
2. Difusão de princípios e práticas agroflorestais no Baixo Sul da Bahia	Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais – SASOP	Salvador / BA
3. Os acordos de pesca em Igarapé Miri	Colônia de Pescadores Z-15	Igarapé Miri / PA
4. Estratégias, ações, resultados e desafios na disseminação agroflorestal	Centro de Desenvolvimento Agroecológico do Extremo Sul da Bahia – Terra Viva	Itamaraju / BA
5. A experiência com comercialização agroecológica	Centro de Desenvolvimento Agroecológico SABIÁ	Recife / PE
6. Produção, beneficiamento e comercialização dos produtos de sistemas agroflorestais	Associação de Produtores Rurais Rolimourense para Ajuda Mútua – APRURAM	Rolim de Moura / RO
7. A história do movimento para o desenvolvimento da Transamazônica e Xingu	Fundação Viver, Produzir e Preservar – FVPP	Altamira / PA
8. As mulheres na produção familiar sustentável	Assoc. dos Produtores Alternativos – APA	Ouro Preto do Oeste / RO
9. Construindo relações para a conservação de recursos naturais - uma experiência do Projeto Reflorar	Grupo Ambientalista da Bahia – GAMBÁ	Salvador / BA
10. Os Timbira e os frutos do Cerrado	Associação VYTY-CATI das Comunidades Timbira do Maranhão e Tocantins	Carolina / MA
11. Jaguatari Nhemboé – caminhando e aprendendo com os Guarani	Comunidade Guarani Mbya do Aguapeú e CTI – Centro de Trabalho Indigenista	Mongaguá / SP

Quadro 1 – Título, entidade responsável e localização das experiências sistematizadas

melhoria da prática. Pelo menos metade das organizações afirmou ter utilizado os resultados da sistematização na elaboração de outros projetos ou na discussão de suas estratégias institucionais. O fato de terem vivenciado um processo como esse qualificou-as a discutirem com seus financiadores e parceiros com mais profundidade. Uma das entidades que participaram do processo valeu-se dele para rever suas relações de parceria, o que proporcionou maior clareza de papéis e permitiu um planejamento de ações entre parceiros mais realista.

Houve entidades que se aproveitaram da sistematização para ambientar e inserir novas equipes no trabalho. A participação de pessoas que não vivenciaram a experiência sistematizada nas oficinas acabou por enriquecer o processo. Algumas práticas metodológicas adotadas nas sistematizações foram posteriormente incorporadas por algumas organizações na condução e no registro de suas reuniões. Ao avaliar o resultado da sistematização para a sua entidade, o coordenador de uma das equipes assim expressou a idéia: “Percebemos a importância de estarmos com uma mão no facão e outra no computador.”

As sistematizações também tiveram papel positivo na “construção de identidades” em meio aos participantes das experiências. O resgate das histórias e das trajetórias de luta das comunidades envolvidas permitiu o desenvolvimento de percepções coletivas sobre os avanços alcançados. Essas percepções são motivadoras e favorecem a recuperação de antigos ideais, alimentando novas perspectivas para o futuro.

Além disso, os esforços de sistematização geraram produtos de comunicação com conteúdos consis-

tentes. As publicações deixaram de ser meramente descritivas ao trazerem reflexões críticas sobre o desenvolvimento das experiências.

No entanto, algumas dificuldades do processo podem ser destacadas. Em meio a tantas demandas de trabalho vivenciadas pelas organizações, muitas vezes não há tempo suficiente para manter a dedicação às atividades de sistematização. Outro desafio encontrado é a dificuldade de elaboração de documentos que reflitam a riqueza dos processos, uma vez que a composição das narrativas nem sempre é uma atividade ou tarefa assumida pelos técnicos das entidades. Para transformá-las em produtos de comunicação de qualidade, é preciso contar com certas habilidades que normalmente não estão presentes nas equipes das organizações.

De qualquer forma, a análise do conjunto do processo apoiado pelo PDA reitera a importância da alocação de recursos específicos para que os demais projetos apoiados pelo programa sejam sistematizados, favorecendo a realização de intercâmbios entre as organizações envolvidas com vistas ao aprendizado mútuo e à produção de materiais de comunicação eficientes para a divulgação ampla dos ensinamentos identificados nas experiências.

**Denise Valéria de Lima:
consultora na área de sistematização
deniselimadf@yahoo.com.br*

*Elza Falkenbach:
professora da Universidade de Ijuí*

*Mara Vanessa Dutra:
consultora na área de sistematização*

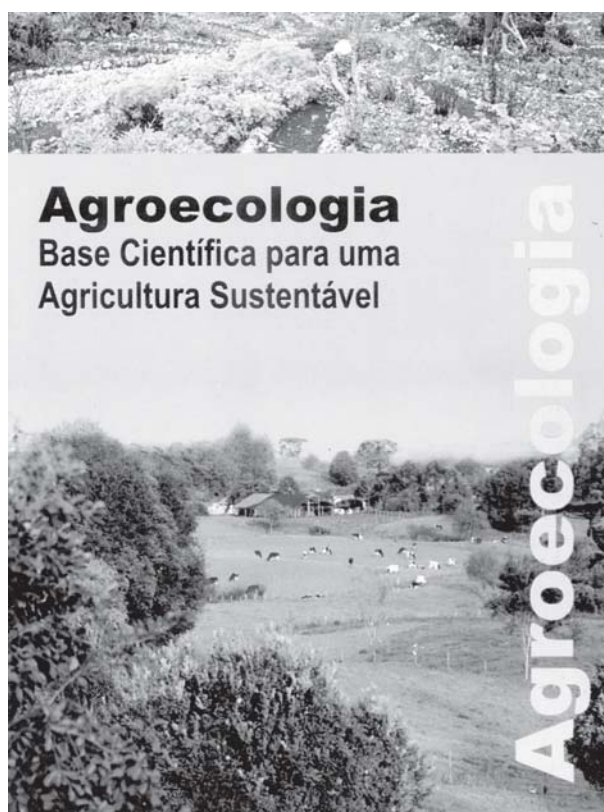
Concurso Nacional de Sistematização de Experiências em Agroecologia e Agriculturas Alternativas

Francisco Roberto Caporal*

Por que um concurso?

O Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA – vem implementando, desde 2003, a nova Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Pnater), que estabelece, em seu objetivo geral, que a nova extensão rural deve “estimular, animar e apoiar iniciativas de desenvolvimento rural sustentável, que envolvam atividades agrícolas e não-agrícolas, pesqueiras, de extrativismo e outras, tendo como centro o fortalecimento da agricultura familiar, visando a melhoria da qualidade de vida das populações e adotando os princípios da Agroecologia como eixo orientador das ações” (MDA, 2004).

Para colocar em prática o objetivo da nova política e os princípios que a regem, o Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural (Dater) passou a empreender uma série de iniciativas, tendo como prioridade a formação de agentes de Ater, além de outras ações capazes de gerar e disponibilizar conhecimentos que possam contribuir para acelerar o processo de implementação da Pnater. Em 2004, visando fortalecer ainda mais a adoção das orientações fundamentais para a Ater nacional, especialmente no que trata da incorporação dos princípios da



Folder do Programa de Agroecologia do Dater/MDA

Agroecologia, o Dater deu início ao Programa Nacional de Apoio à Agricultura de Base Ecológica nas Unidades Familiares de Produção (Programa de Agroecologia), por meio do qual foi promovido o Concurso Nacional de Sistematização de Experiências em Agroecologia e Agriculturas Alternativas.

A idéia de promover um concurso dessa natureza nasceu inspirada nos ensinamentos gerados por outras experiências similares de organizações governamentais¹ e

¹ Há uma iniciativa semelhante realizada desde 2002 pela empresa oficial de extensão rural do estado do Rio Grande do Sul (Emater/RS), cujas informações estão disponíveis na página www.emater.tche.br.

não-governamentais que evidenciavam a contribuição decisiva desse tipo de proposta para a identificação e socialização de referências metodológicas, técnicas e organizativas em processos de transição agroecológica. O concurso foi a primeira iniciativa do gênero realizada pelo governo federal e a premiação foi adotada como forma de estimular a participação de grande quantidade de grupos, comunidades e organizações.

Nesse sentido, o concurso procurava “identificar o maior número possível de experiências que estejam adotando os princípios da Agroecologia, assim como experiências em agricultura, pecuária, pesca artesanal e aqüicultura alternativas” que venham sendo implementadas em todo o país, de modo a constituir um acervo de informações e referências que possam vir a ser socializadas para todos os interessados nesses temas. Ao mesmo tempo, do ponto de vista estratégico, optou-se por estimular um processo massivo de identificação desses “faróis agroecológicos”, dando oportunidade para que muitas experiências fossem apresentadas, visando buscar uma maior cobertura que pudesse abranger a grande diversidade social, ambiental, cultural e econômica existente no meio rural brasileiro.

O processo

Para alcançar os objetivos e assegurar uniformidade dos documentos a serem entregues, o Dater elaborou e distribuiu um termo de referência contendo alguns conceitos fundamentais, bem como um roteiro básico para a sistematização. No documento, consta que, para os efeitos do concurso, se entende como sistematização de experiência “um processo de reflexão que pretende ordenar e organizar o que têm sido a trajetória, os processos e os resultados de um projeto, buscando nessa dinâmica as dimensões que podem explicar o curso que assumiu o trabalho realizado (Martinic, 1984). Ou, ainda, uma “sistematização é a interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que têm intervindo em dito processo, como eles se têm relacionado entre si, e por que o têm feito desse modo” (Jara, 1998).

O termo de referência estabeleceu que as cinquenta primeiras experiências selecionadas receberiam do Dater o valor de R\$ 20 mil. Esse valor está sendo disponibilizado às entidades vencedoras mediante a apresentação de um projeto simplificado e deve ser destinado a atividades que levem ao fortalecimento ou ampliação do trabalho que vem sendo realizado pela comunidade ou grupo premiado. Portanto, não se trata de um prêmio para as pessoas, em particular, mas para apoiar e ajudar a qualifi-

car a continuidade do projeto sistematizado. Deseja-se que a aplicação desses recursos seja feita de acordo com os interesses e necessidades de agricultores e agricultoras protagonistas do projeto em andamento.

O concurso foi divulgado via internet, pelo *site* do Dater, tendo sido enviado também para uma lista de mais de três mil endereços eletrônicos, mantida e atualizada pelo Departamento, na qual estão incluídas praticamente todas as ONGs e redes da sociedade civil que atuam no setor, assim como os órgãos governamentais de Ater, professores universitários e entidades de representação da agricultura familiar.

Após quatro meses da divulgação do concurso e o término do prazo estabelecido para o recebimento das sistematizações, o Dater contabilizou um total de 127 inscrições, enviadas por 82 organizações governamentais e não-governamentais.

Avaliação das sistematizações

A avaliação dos documentos apresentados foi realizada por profissionais da área que possuem relevante experiência com processos de sistematização. Esses profissionais, contatados pelo Dater nas diferentes regiões do Brasil, atuaram como voluntários não-remunerados. Para orientar e harmonizar o processo avaliativo e criar um mecanismo para garantir a transparência dos resultados, o Dater elaborou um quadro com indicadores e pontuações correspondentes. Cada sistematização foi avaliada por dois colaboradores. Sempre que houve discrepância entre as notas atribuídas por eles foi solicitada uma terceira avaliação.

Socialização do conhecimento

As sistematizações inscritas no concurso vêm sendo cadastradas no sistema “Agroecologia em Rede”, um banco de dados contendo experiências, pesquisas e contatos pessoais e institucionais do campo agroecológico brasileiro (ver pág. 30). O Dater também divulgará em seu *site* o conteúdo das cinquenta experiências vencedoras e ainda estuda a possibilidade de produzir uma publicação reunindo aquelas que mais se destacaram.

Lições aprendidas

Algumas lições podem ser identificadas a partir da experiência do concurso, entre elas:

a) A divulgação do concurso apenas pela internet, num país como o Brasil, onde muitas entidades e pessoas ainda

não têm acesso a esse meio de comunicação, mostrou-se insuficiente e pouco eficiente.

b) Ficou evidente que as entidades de Ater, sejam governamentais ou não-governamentais, assim como seus profissionais, em sua maioria, não têm o hábito de registrar os processos que estão ajudando a dinamizar. Essa conclusão se depreende do pequeno número de concorrentes em relação ao grande número de iniciativas desenvolvidas no campo da agroecologia no país.

c) Os documentos apresentados em geral não expressaram participação de agricultores e agricultoras no processo de sistematização, revelando a limitada prática de métodos participativos por parte das organizações e indicando um importante campo de atenção para futuras atividades de capacitação de agentes de Ater.

d) Houve baixíssima participação das entidades de Ater do setor governamental², assim como das universidades e organizações de pesquisa. Portanto, parece recomendável que essa prática seja estimulada nesses meios, para que os bons resultados de processos de desenvolvimento local possam ser socializados e conhecidos de modo a se tornarem referência para outras ações.

e) O fato de o concurso ter sido bastante restritivo quanto ao objeto da sistematização talvez possa explicar o baixo número de concorrentes. No entanto, também é possível que as entidades não estejam dispostas a usar seu tempo para escrever documentos sobre o que vêm realizando. Particularmente, em razão do que temos visto no país, acreditamos que a segunda hipótese

seja a mais provável. De qualquer forma, esse é um indicador importante sobre a necessidade de se dar continuidade a mecanismos de incentivo à sistematização e socialização de experiências em Agroecologia.

Como conclusão

Acreditamos que, de um modo geral, a iniciativa foi válida e merece ser repetida. Por essa razão, o Dater, em conjunto com outras entidades parceiras, vem elaborando o termo de referência para o II Concurso Nacional de Sistematização de Experiências em Agroecologia, devendo disponibilizar R\$ 500 mil para a premiação das vencedoras. Algumas correções e adaptações nas orientações básicas do concurso serão introduzidas de forma a qualificar o processo.

De qualquer forma, mesmo com as insuficiências próprias de uma primeira tentativa, essa ação do Dater demonstrou que o Estado pode ser um importante indutor, por meio de políticas públicas, de processos de sistematização e socialização de experiências que favoreçam a busca de novos modelos de desenvolvimento rural e de agriculturas sustentáveis.

Além disso, é importante salientar que iniciativas como essa, se bem conduzidas, podem contribuir para uma prática participativa das sistematizações, para dar voz aos atores sociais protagonistas das ações (agricultores, técnicos, etc) e, também, para dar visibilidade à sociedade sobre um tema de extrema relevância socioeconômica e ambiental.

***Francisco Roberto Caporal:**

*engenheiro agrônomo, Doutor pelo Programa de "Agroecologia, Campesinado e História", coordenador-geral de assistência técnica e extensão rural e participante da coordenação do Programa de Agroecologia do MDA.
francisco.caporal@mda.gov.br*

Referências:

JARA, Oscar. *Para sistematizar experiências*. San José (Costa Rica): ALFORJA, 1998.

MARTINIC, Sergio. *Algunas categorías de análisis para la sistematización*. Santiago (Chile): CIDE-FLACSO, 1984.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO (Brasil). *Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural*. Brasília: MDA, 2004.

² Destaque-se que a Emater/RS apresentou 28 experiências sistematizadas, o que demonstra o resultado de uma prática que vem sendo cultivada, desde 2002, mediante um processo amplo de aprendizagem, debate, avaliação, seleção e divulgação, estimulando os extensionistas a fazerem o registro de processos. Cabe ressaltar, entretanto, que a prática participativa de sistematização ainda está longe de ser alcançada, mesmo por essa entidade.

Agroecologia em Rede:

fonte de inspirações para a inovação local

Paulo Petersen*

Agroecologia em Rede é um sistema de informação destinado a socializar ensinamentos sistematizados de experiências e pesquisas em agroecologia desenvolvidas no Brasil. Define-se como uma rede de interação virtual orientada para o fortalecimento das redes locais de inovação, responsáveis pela construção da agroecologia no país. Este artigo apresenta o papel que o sistema pode desempenhar ao dar ampla visibilidade às sistematizações de experiências que vêm sendo realizadas no âmbito dessas redes locais.

As redes locais de inovação agroecológica

Processos de transição agroecológica evoluem e se capilarizam em diferentes regiões do Brasil por meio de redes locais de inovação, que articulam agricultores e agricultoras familiares e suas mais variadas formas de organização. Ao contrário das abordagens metodológicas empregadas em programas convencionais de desenvolvimento rural, essas redes têm como traço característico principal a adoção de métodos que unem em um só processo a produção de conhecimentos e a sua aplicação prática. Em vez da verticalidade inerente aos conceitos de “assistên-

Foto: Adriana Galvão



Consulta ao Agroecologia em Rede

cia técnica” e de “transferência de tecnologias”, as redes de inovação se espriam horizontalmente, conduzindo um número crescente de pessoas e organizações a dinâmicas sociais voltadas para a definição e o enfrentamento de problemas vivenciados em conjunto.

Novas identidades vêm sendo constituídas nessas dinâmicas coletivas de transição agroecológica, favorecendo a criação de ambientes sócio-culturais propícios à produção e à circulação de informações pertinentes às questões do desenvolvimento local. Agricultor experimentador, agricultor inovador, agricultor técnico e agricultor ecologista são algumas das novas auto-identificações sociais que têm permitido precisar contornos e promover coesão nessas redes já presentes em todas as regiões do país.

A comunicação oral, exercitada nas diferentes modalidades de intercâmbio presencial, permanece como eficiente mecanismo de circulação local dos conhecimentos gerados nos processos de experimentação. Associando-se às formas tradicionais de sociabilidade presentes no meio rural, encontros de agricultores experimentadores, visitas de intercâmbio, seminários e outros eventos são organizados para assegurar que o próprio inovador seja o portador da sua novidade.

Diferentes metodologias e instrumentos de sistematização vêm sendo desenvolvidos e/ou adaptados para qualificar a comunicação horizontal nessas redes de interação presencial. Essas metodologias empregam a escrita e os recursos áudio-visuais como suporte para que informações e ensinamentos extraídos das experiências sejam registrados e transmitidos pelos próprios experimentadores.

O enredamento de redes

A inovação agroecológica é um processo cujo produto tem aplicabilidade essencialmente local. Isso não significa que uma experiência particular não possa ser in-

interessante para grupos que vivem e produzem em contextos geograficamente distantes e sócio-ambientalmente distintos. Mesmo quando não-aplicáveis diretamente na realidade imediata, os ensinamentos sistematizados de experiências desenvolvidas em outros contextos são potentes estimuladores das redes de inovação, sobretudo quando elas se encontram ativas e dinâmicas. A informação gerada em outros contextos não chega às redes locais como um produto pronto para ser aplicado, mas como insumo para a atividade criativa de agricultores e agricultoras experimentadores. Sendo a inovação uma atividade dependente da criatividade, esta deve ser permanentemente nutrida pela criação de ambientes estimulantes ao exercício da inteligência e pelo acesso permanente a informações capazes de inspirar novas idéias para a experimentação. Assim, embora estejam organizadas em bases territoriais que definem limites e oportunidades para a inovação agroecológica, as redes locais se inspiram e se fortalecem mutuamente, sempre que colocadas em contato direto.

Materiais de sistematização facilitam a interatividade entre redes locais ao veicularem entre elas ensinamentos extraídos das suas próprias experiências. Redes regionais e/ou estaduais cumprem, nesse sentido, um papel essencial, aumentando o alcance dos circuitos através dos quais informações sistematizadas por grupos locais são disseminadas. A Rede Ecovida de Agroecologia, no sul do Brasil; a Articulação do Semi-árido Brasileiro (ASA) e as ASAs estaduais; a Rede de Informações Agroecológicas da Amazônia (RIAA) e a Articulação Mineira de Agroecologia são exemplos de redes regionais e estaduais que estimulam o aprendizado entre seus membros pelo intercâmbio de suas experiências sistematizadas. No plano nacional, a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) exerce função análoga, ao favorecer a ampliação e a intensificação dos fluxos interativos entre redes regionais e estaduais.

Um instrumento de apoio para a ação em rede

A multiplicação das práticas de sistematização em redes de inovação agroecológica organizadas em todo país é responsável pela configuração de um já considerável “acervo” de materiais de comunicação sobre experiências. Embora veiculem ensinamentos, idéias e inspirações de grande valia, esses documentos encontram-se dispersos e têm suas circulações limitadas pelo alcance geográfico e social das redes locais e regionais nas quais foram produzidos.

Reunir esse material e colocá-lo à disposição das organizações e grupos promotores da agroecologia é o objetivo do sistema Agroecologia em Rede, que integra três bases de dados livremente consultadas e alimentadas pela internet: o banco de experiências; o banco de pesquisas; e o banco de contatos pessoais e institucionais. O sistema foi estruturado para permitir a interatividade entre as pessoas e as instituições que consultam e que ali-

mentam as bases de dados. Os usuários podem comentar as experiências e as pesquisas cadastradas e contactar diretamente as pessoas ou as instituições que cadastraram informações de seu interesse.

Concebido pela AS-PTA, o Agroecologia em Rede colocou em prática os encaminhamentos para a realização de cadastros nacionais sobre agroecologia formulados em alguns eventos nos quais a entidade tomou parte como co-organizadora. Dentre eles, cabe ressaltar o I Encontro Nacional de Pesquisa em Agroecologia, em 1999, o I Encontro Nordestino de Pesquisa em Agroecologia e o I Encontro Nacional de Agroecologia, ambos realizados em 2002. O desenvolvimento do sistema foi discutido e monitorado em conjunto com um grupo de ONGs do Nordeste¹ e com o Centro Nordestino de Informações sobre Plantas, numa articulação apoiada financeiramente pelo projeto IDT (Informação, Disseminação e Treinamento).

A gestão formal do sistema é realizada pelo grupo de trabalho sobre informação da ANA (GT-Info), espaço composto por representantes das mais significativas redes regionais e estaduais do campo agroecológico nacional e da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia), instituição dedicada a articular o campo científico-acadêmico envolvido na agroecologia. Cabe ao GT-Info propor e monitorar o desenvolvimento técnico do sistema e elaborar e executar estratégias para divulgá-lo.

No momento o banco de experiências conta com 210 registros, sendo a maior parte constituída por cadastros de materiais de sistematização produzidos por ONGs. Uma parcela menor corresponde a sistematizações que participaram do Concurso Nacional de Sistematização de Experiências promovido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (ver pág. 27). O banco de pesquisas está atualmente composto pelos 431 resumos expandidos de trabalhos científicos apresentados nos Congressos Brasileiros de Agroecologia promovidos pela ABA-Agroecologia.

Uma vez desenvolvido e em funcionamento na internet, o maior desafio que se coloca para o Agroecologia em Rede é a sua incorporação efetiva como instrumento de apoio às redes regionais e locais de inovação agroecológica. O sistema não cumprirá com a função para a qual foi concebido se não conseguir estabelecer uma relação de reforço mútuo com as redes presenciais de inovação que fazem avançar a agroecologia no país.

** Paulo Petersen
diretor executivo da AS-PTA
paulo@aspta.org.br*

¹ Caatinga, Centro Sabiá, Diaconia, Patac e Sasop

Publicações



Para sistematizar experiências.

HOLLIDAY, Oscar Jara. *João Pessoa: UFPB, 1995. 213p.*

Escrito em linguagem direta e simples, o livro apresenta uma proposta metodológica de sistematização de experiências. Faz referência aos conceitos mais difundidos

na América Latina sobre sistematização, seus pontos de convergência e divergência. Aborda as diferenças entre sistematização, avaliação e pesquisa. Traz exemplos de metodologias e instrumentos de sistematização.



El bosque o el árbol. Balance sobre sistematización de experiencias de desarrollo.

MUNOZ, Fanni. Lima: *Escuela para el Desarrollo, 1998. 74p. (Documento de Trabajo, 12)*

Traz um breve histórico que localiza e contextualiza o surgimento da prática de sistematização

de experiências no Peru. Aborda os principais enfoques teórico-metodológicos empregados em sistematizações, ressaltando as principais idéias em que se sustentam essas propostas e o grau de aplicação que se tem verificado em seu desenvolvimento. Apresenta uma tipologia de sistematizações e alguns elementos de reflexão e debate em torno dos métodos empregados.

Proceso de sistematización y producción participativa de materiales de difusión.

CARVAJAL, Jose. Quito: IIRR, 2001. 17p.

Apresenta uma proposta metodológica para a elaboração de um processo de sistematização e produção participativa de materiais que têm por objetivo informar e apoiar capacitação de promotores, líderes rurais e extensionistas envolvidos em atividades de desenvolvimento rural e de promoção da agroecologia.



Aprender de la experiencia: una metodología para la sistematización.

Chavez-Tafur, Jorge. Leisa: *Revista de agroecología, 2006, Peru. 27 p.*

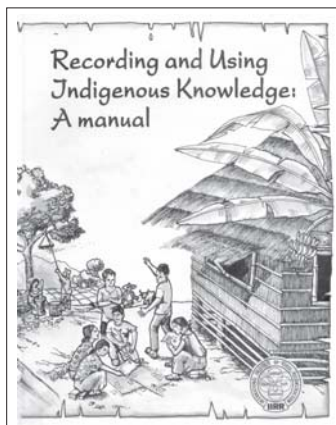
Manual de sistematização fruto do Projeto Piloto de Documentação e Sistematização desenvolvido pela parceria da ETC Andes e Ilea. Sem discutir exaustivamente os aspectos teóricos, apresenta, de forma bastante didática, um método prático para apoiar a tarefa de descrever e analisar experiências. Disponível para *download* na seção *dossiê* da página da *Revista Agriculturas*.



Aprender de nuestras experiencias: un desafío político-pedagógico.

JARA, O. Costa Rica: CEP – Centro de Estudios y Publicaciones Alforja, 2004.

Ao percorrer sobre o conceito de sistematização, o autor apresenta o desafio técnico, metodológico e, sobretudo, político de se aprender com a fonte mais rica de conhecimentos: nossas próprias experiências. Ao final, propõe um quadro síntese com os momentos metodológicos de uma sistematização, apresentando as principais características e recomendações para cada etapa.



Recording and using indigenous knowledge. A manual. 2 ed.

Filipinas: IIRR, 1999. 211p

Trata de métodos participativos para o registro, sistematização, documentação e avaliação do conhecimento tradicional. O manual apresenta instrumen-

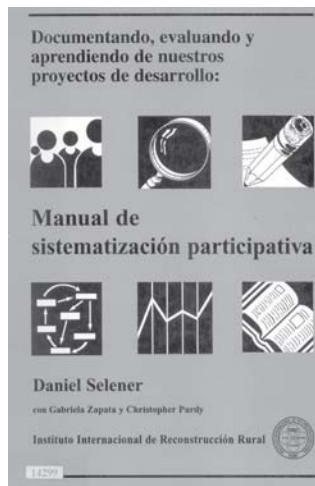
tos que poderão ser escolhidos, combinados e/ou adaptados conforme os objetivos e a criatividade de cada usuário. Traz também um apanhado de mini-estudos de caso e questões que podem ser utilizadas para auxiliar o trabalho de campo dos usuários.



La sistematización: apuesta por la generación de conocimientos a partir de las experiencias de promoción.

FRANCKE, M.; MORGAN, M.L. Lima: Escuela para el Desarrollo, 1995. 74p. (Materiales Didácticos, 1)

Analisa a importância e as limitações das sistematizações e da construção do conhecimento para os projetos de desenvolvimento local. As autoras propõem um conceito e uma metodologia de sistematização, descrevendo e exemplificando os passos do processo e ainda recomendam a leitura de uma vasta bibliografia.



Documentando, evaluando y aprendiendo de nuestros proyectos de desarrollo. Manual de sistematización participativa. 2 ed.

SELENER, Daniel. Quito: IIRR, 1997. 107p

Manual de sistematização participativa que busca facilitar a descrição, a reflexão, a análise de

processos e resultados de um projeto de desenvolvimento.



Dilemas y desafíos de la sistematización de experiencias.

JARA, O. Costa Rica: CEP – Centro de Estudios y Publicaciones Alforja, 2001.

Notas de apresentação do autor em um seminário realizado em Cochabamba, Bolívia. Trata do conceito e das construções de diferentes modalidades e enfoques de sistematização. Discute ainda os grandes desafios envolvendo a sistematização em relação ao seu objeto de análise; as condições institucionais e pessoais para se promover a sistematização; a produção do conhecimento e a relação entre os participantes do processo; a importância da efetiva participação comunitária; a capacidade de interpretação crítica da realidade; e, finalmente, a utilidade da sistematização.

Para obter mais informações sobre processos de sistematização, visite a seção *dossiê* da página da *Revista Agriculturas: experiências em agroecologia*
<http://agriculturas.leisa.info>

Páginas na internet

www.agroecologiaemrede.org.br



Agroecologia em Rede é um banco de dados que reúne experiências, pesquisas e contatos de pessoas e instituições vinculadas à agroecologia no Brasil. De livre acesso, o sistema foi concebido com o objetivo de favorecer interações e estimular o aprendizado entre praticantes da agroecologia, com base nos acúmulos técnicos, metodológicos e políticos alcançados nos processos de inovação agroecológica em curso em todas as regiões do país.

www.projedomhelder.gov.br



O Projeto Dom Helder Câmara desenvolve um programa de ações referenciais para o desenvolvimento sustentável do semi-árido em seis estados da região Nordeste – Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte e Ceará. Todas as experiências desenvolvidas nesses estados estão sistematizadas e disponibilizadas em um banco de dados na internet. Os usuários podem acessá-las pela localização geográfica ou pelo tema da atividade.

www.prolinnova.net

Prolinnova é um projeto em rede orientado para o fomento de processos locais de inovação, fundamentados na valorização do saberes populares. O site oferece uma plataforma virtual para a troca de conhecimentos sobre esse tipo de experiências e disponibiliza informações sobre eventos, fontes bibliográficas, artigos e publicações para download.

www.emater.tche.br



Com o objetivo de valorizar o conhecimento produzido nas atividades diárias desenvolvidas pela Emater/RS junto ao público assistido – agricultores familiares, comunidades indígenas, quilombolas, pescadores e assentados pelo programa de Reforma Agrária –, a empresa de extensão rural mantém um banco de experiências agroecológicas, abrangendo as áreas tecnológica, social, ambiental e metodológica.

[/knownetgrin.honeybee.org/
innovation_database.asp](http://knownetgrin.honeybee.org/innovation_database.asp)

A rede Honeybee, na Índia, se autodefine como uma iniciativa que busca dar voz a pessoas criativas e inovadoras. Animada pela *Society for Research and Initiatives for Sustainable Technologies and Institution (SRISTI)*, a rede possui uma base de dados que apresenta inovações fundamentadas no conhecimento tradicional, principalmente da Índia, mas também de outros países. A *Honey Bee* acredita que só a troca de informação poderá aumentar a capacidade social de estimular e sustentar inovações locais e fornecer recursos para o desenvolvimento sustentável. Por isso, procura conectar os inovadores em suas línguas tradicionais, mas também disponibiliza as informações em inglês. No site, também encontra-se o *Honey Bee Newsletter*, uma biblioteca virtual com fontes bibliográficas e publicações sobre o conhecimento tradicional.

www.farmingsolutions.org

O projeto *Farming Solutions* é uma iniciativa que surgiu da parceria realizada entre a Fundação Ilea, a Oxfam, o Greenpeace e o Pan-Africa. Tem por objetivo dar visibilidade a experiências concretas de promoção da agricultura ecológica desenvolvidas em todo o planeta. O site apresenta um conjunto grande de exemplos de sistemas produtivos eficientes e de baixo custo ambiental. Está disponível em inglês, mas dispõe de uma página de introdução em português.

Divulgue suas experiências nas revistas Leisa

Convidamos pessoas e organizações do campo agroecológico brasileiro a divulgarem suas experiências na *Revista Agriculturas: experiências em agroecologia* (edição brasileira da *Leisa*), na *Leisa* latino-americana (editada no Peru) e na *Leisa* global (editada na Holanda).

Próximo número (v. 3, nº 3)

Tema: Caminhos da transição agroecológica

A Agroecologia foi desenvolvida como um enfoque científico orientado para a promoção de agriculturas mais sustentáveis. Se há alguns anos apresentava-se como uma abordagem marginalizada nos debates sobre desenvolvimento rural, a proposta agroecológica goza atualmente de crescente reconhecimento em diferentes espaços da sociedade brasileira. Essa evolução deve-se em grande medida ao fato de que o emprego da Agroecologia por organizações da agricultura familiar nas várias regiões não teve que esperar pela construção de sua credibilidade nos meios acadêmico e político e veio acompanhado de impactos positivos sobre a vida das populações rurais e sobre a conservação dos ecossistemas.

Processos de transição agroecológica vêm fazendo seus caminhos a partir de diferentes situações: desde sistemas produtivos tradicionais que não dependem do emprego de insumos industriais e de maquinário moto-mecanizado (p.ex., sistemas agroextrativistas ou de roça e queima), até os sistemas altamente dependentes dos pacotes tecnológicos da revolução verde. Tanto uns como outros, por diferentes razões e em distintos graus, apresentam

vulnerabilidades de ordem econômica, ecológica e sócio-cultural para as quais o desenvolvimento agroecológico tem oferecido respostas consistentes.

A próxima edição da *Revista Agriculturas: experiências em agroecologia* será dedicada à apresentação de iniciativas de transição agroecológica. Elas podem ser enfocadas a partir de diferentes escalas: desde um sistema produtivo particular (p.ex., o manejo cultural de uma determinada espécie) até uma região (ou território), passando por uma propriedade familiar ou uma comunidade. Uma trajetória de inovação agroecológica pode ser apresentada também sob uma ou mais perspectivas, dentre as seguintes: seu processo de construção nos planos político, metodológico, e/ou sócio-organizativo; seus efeitos sobre a sustentabilidade econômica e ecológica dos agroecossistemas; seus efeitos sobre o empoderamento de pessoas, comunidades e/ou organizações envolvidas (com destaque para as relações sociais de gênero e de geração).

Data-limite para envio dos artigos:
31 de agosto de 2006

Tema: A pesquisa em agroecologia no desenvolvimento local (v. 3, nº 4)

Já são por demais conhecidos os principais elementos de crítica aos sistemas oficiais de pesquisa, ensino e extensão estruturados para o desenvolvimento e a promoção dos princípios técnico-científicos da revolução verde. Dentre eles, cabe ressaltar o questionamento à lógica verticalizada que caracteriza o difusionismo tecnológico. Partindo do pressuposto de que o conhecimento científico é o único válido, essa abordagem convencional reserva aos agricultores(as) familiares um papel de passividade nos processos de inovação, ao estabelecer a especialização dos diferentes agentes envolvidos como produtores, disseminadores e receptores do conhecimento. Assim concebidos, são sistemas que têm como principal traço característico a separação entre a produção de conhecimentos e a sua aplicação prática.

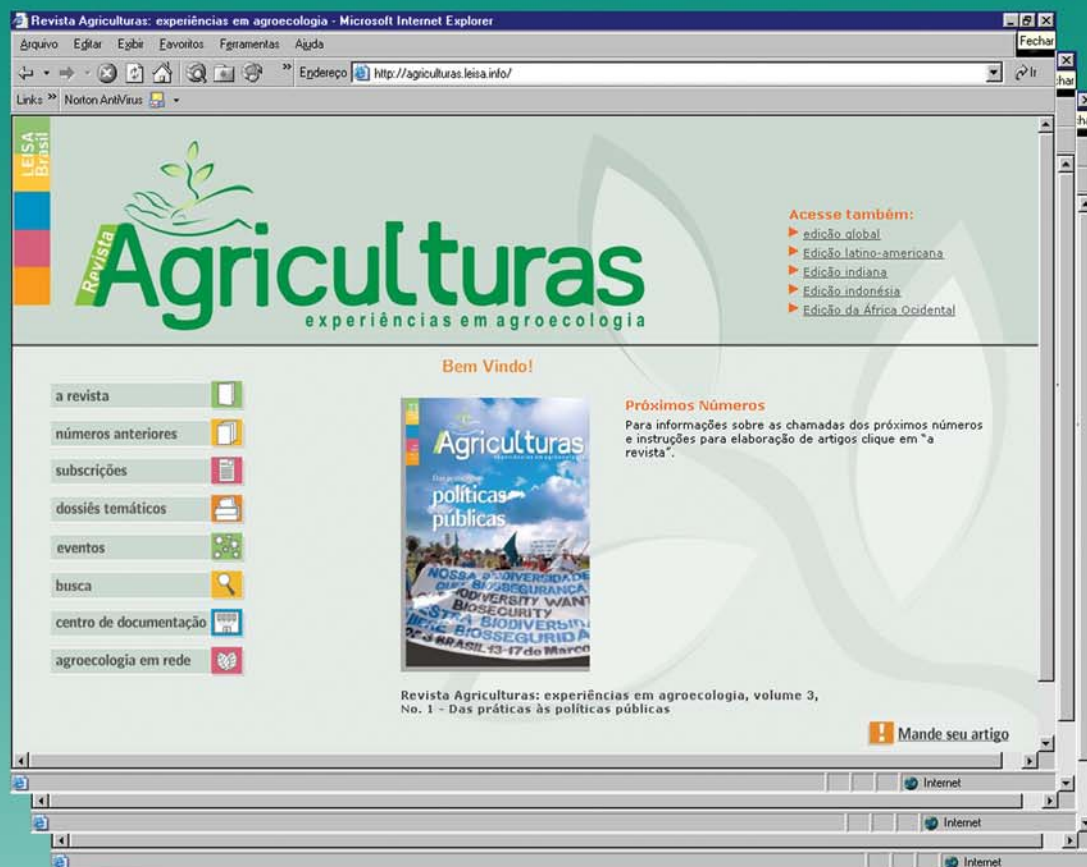
O aprofundamento dessa crítica felizmente vem sendo acompanhado da experimentação de procedimentos inovadores de investigação científica por meio da multiplicação de iniciativas de trabalho em conjunto de pesquisadores com

grupos e organizações da agricultura familiar envolvidas na produção agroecológica. Essas experiências têm revelado a importância do pluralismo e da criatividade metodológica para que a prática científica seja articulada a processos sociais de inovação em programas de desenvolvimento local.

A edição v.3, nº 4 da *Revista Agriculturas* será dedicada à apresentação de casos concretos de envolvimento de pesquisadores, ou mesmo de instituições de pesquisa, em programas locais voltados para promoção da Agroecologia. Temos interesse em publicar experiências que demonstrem os avanços e as limitações ainda encontradas para que a organização e os métodos empregados pelas instituições oficiais de pesquisa se flexibilizem, permitindo a integração mais efetiva entre diferentes formas de produzir e disseminar conhecimento agroecológico.

Data-limite para envio dos artigos:
03 de novembro de 2006

Instruções para a elaboração dos artigos, veja no site <http://agriculturas.leisa.info>



Conheça a página eletrônica da Revista Agriculturas!

A *Revista Agriculturas: experiências em agroecologia* acaba de lançar sua página eletrônica na internet. Nela você encontrará todos os artigos já publicados nas edições anteriores da revista, bem como os artigos publicados nas edições das revistas Leisa global, latino-americana, indiana, indonésia e africana ocidental. Ao todo, são mais de dois mil artigos sobre experiências em agroecologia publicados desde o início da década de 1980.

Por meio da ferramenta de busca, você poderá identificar artigos por autores, títulos e/ou palavras-chave.

A página conta com a seção “dossiês temáticos”, que oferece fontes de informação adicionais sobre os temas abordados a cada número (indicações bibliográficas, textos para download, *sites* específicos e eventos).

O usuário poderá inscrever-se para receber a revista impressa diretamente pela página. Nela, encontrará também informações sobre as próximas edições. Finalmente, por meio da seção “documentação”, poderá acessar o acervo do centro de documentação da Fundação ILEIA, especialmente dedicado aos temas da agroecologia e do desenvolvimento rural sustentável. Em breve, o acervo da AS-PTA também estará disponível para consulta.

Acesse!

<http://agriculturas.leisa.info>